

Lembranças que tecem diferentes fios de uma mesma história

Maria Tereza Papa Nabão

Como citar: NABÃO, M. T. P. Lembranças que tecem diferentes fios de uma mesma história. *In:* SIMONETTI, M. C. L. (org.) **Assentamentos rurais e cidadania:** e a construção de novos espaços de vida. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 67-104. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-142-3.p67-104>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LEMBRANÇAS QUE TECEM DIFERENTES FIOS DE UMA MESMA HISTÓRIA

Maria Teresa Papa Nabão

Seria não voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade...O futuro não nos traz nada, não nos dá nada, nós é que para construí-lo devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. (Simone Weil).

As reflexões contidas neste texto foram extraídas de minha Dissertação de Mestrado¹ em que procurei fazer um estudo histórico-antropológico do universo cultural da vida cotidiana de homens e mulheres, moradores do assentamento Fazenda Reunidas, no Município de Promissão localizado na região da Alta Noroeste do Estado de São Paulo. Trata-se na verdade, da história de homens e mulheres, migrantes que já percorreram o país, alguns foram “brasiguaios”, outros nunca deixaram a região de Promissão, mas sempre em busca do mesmo sonho, do mesmo destino: terra para viver, morar e trabalhar.

¹ NABÃO, M. T. P. *Homens e mulheres na luta pela terra (1960-1994): memória, história, tradição e cultura nas terras do assentamento Fazenda Reunidas*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002. Dissertação realizada com apoio da FAPESP e orientação da prof.^a Flávia Arlanch Oliveira.

Este estudo foi favorecido pelas inúmeras indagações que registrei ao longo de alguns anos de trabalhos realizados neste assentamento, quando passei a fazer parte do CPEA² - Centro de Pesquisas e Estudos Agrários da Unesp de Marília e obtive a oportunidade de trabalhar em dois projetos no qual o Assentamento Reunidas era um de seus objetos de estudo³.

O Assentamento Reunidas foi fruto de um movimento social popular que reuniu pessoas e famílias de diferentes regiões do país, sendo que a maioria era do Estado de São Paulo e da região de Promissão. Estas pessoas tinham trajetórias de vida diferentes, experiências urbanas mais ou menos longas e foram organizadas de maneira diferenciada para enfrentar os desafios de forçar a desapropriação daquelas terras.

No entanto, algumas semelhanças sempre foram compartilhadas: esperança de conseguir a terra para nela trabalhar e ganhar a vida com o suor do rosto, criar os filhos com dignidade, segurança e fartura, realizar o sonho de trabalhar naquilo que gosta, que tem vocação e prazer de fazer, apesar das dificuldades, dos tempos ruins tão comuns para quem trabalha na terra e tem por “sócio” as intempéries climáticas como geada, seca, chuva escassa ou em excesso.

Desta forma, entre os assentados são muitas versões e várias interpretações sobre a reforma agrária e o significado de lutar por terra. Versões que nos são contadas evocando a lembrança, a memória daqueles dias de luta. Tem a lembrança de “quem chegou primeiro”, portanto “os pioneiros”; a de quem “chegou depois”, mas organizado pelo MST foram “os mais importantes”, porque mais “aguerrido e organizado”; tem a lembrança de “quem sabe mais” porque é mais “antigo” ou de quem sabe mais porque é mais “moderno”. Tem a lembrança de quem veio via inscrição e então “não roubou nada de ninguém” nem foi contra os ensinamentos de sua religião, mas todos se consideram participantes de uma imensa luta, e todas estas lembranças com certeza tecem diferentes fios de uma mesma história: a história de um grupo de homens e mulheres que participaram de uma imensa luta para conseguirem as “Terra de Promissão”.

Existe a versão das mulheres e dos que eram bem jovens à época da ocupação. Versões que se apóiam em lembranças. Lembranças que são construídas

² O CPEA foi coordenado pela prof^a Teresinha D'Aquino de 1988 a 1998 e atualmente pela prof^a Mirian Claudia Lourenção Simonetti. Esse Centro de pesquisa, com o apoio do CNPq, possibilitou inúmeras bolsas de Iniciação Científica a alunos de graduação e bolsas de Aperfeiçoamento e Apoio Técnico a alunos já graduados propiciando discussão e estudos interdisciplinares acerca dos movimentos sociais e da questão agrária. Portanto, durante estes anos o CPEA vem acumulando um rico material acerca dos assentamentos do Estado de São Paulo, especialmente do assentamento Fazenda Reunidas, tais como: Monografias, relatórios de pesquisas, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado, fotografias, recortes de jornais da imprensa nacional e da imprensa de Promissão, mapas, censos, etc.

³ Primeiro colaborei no multidisciplinar e multi-campi da Unesp, já em sua fase final, intitulado “*Análise e Avaliação dos Projetos de Reforma Agrária e Assentamentos do Estado de São Paulo*” (sob a coordenação geral da Prof^a Vera Lúcia B. Ferrante, sendo que em Marília a coordenação era da prof^a Teresinha D'Aquino) Numa fase posterior, este projeto ficou restrito aos campus de Araraquara e Marília, mas não perdeu seu caráter de multidisciplinariedade e já em uma outra perspectiva e com outros objetivos foi renovado com o título de “Assentamento de trabalhadores rurais: a construção de um novo modo de vida em um campo de possibilidades e diversidades”.

de maneira diferente por homens, mulheres, católicos e evangélicos, jovens e idosos e marcadas por acontecimentos diferente, no entanto, um fio condutor parece amarrar estas lembranças e estes significados.

Enquanto o homem marca suas lembranças de acordo com fatos relacionados ao trabalho e à violência de certas atitudes que foram obrigados a tomar e a enfrentar, a mulher conduz suas lembranças de acordo com o nascimento dos filhos, de acordo com as necessidades que passaram em relação à falta de mantimentos e roupas, da ajuda que teve de dar a uma companheira em horas difíceis, à aflição e o temor pela vida do marido e dos filhos. Já os mais jovens foram marcados pelas conversas sussurradas altas horas da noite, pela imagem dos homens (às vezes o pai), que de “capa preta e uma lanterna na mão” eram responsáveis pela segurança e pela ronda noturna no acampamento, e também pelas histórias fantásticas que ouviam (o boi que recebeu vários tiros e não morria porque o velho Ribas estava encarnado nele⁴) pelo sentimento de estarem vivendo algo inusitado e, portanto, muito provavelmente, proibido.

Os mais idosos pautam suas lembranças através dos conhecimentos que tinham acerca destas terras antes delas serem abandonadas pelos pequenos sitiantes, na maioria japoneses e depois serem “adquiridas na marra” pela família Ribas e transformadas em pasto para nenhum boi.

Assim, colocamo-nos na situação de um “bom e paciente ouvinte”, sem a intenção de comprovar ou refutar nenhuma hipótese estabelecida de antemão, mas sim a de compreender a perspectiva e o ponto de vista daqueles que se colocaram em luta por estas terras. Desta maneira, os depoimentos, histórias de vida e entrevistas coletadas nos conduziram a algumas reflexões extremamente significativas em relação ao significado da terra para estes assentados e que desejamos agora expor.

Nesta caminhada começamos a perceber que a concepção de terra para estes assentados pode ser conflitante com concepções de outros segmentos que também reivindicam a necessidade da reforma agrária no Brasil, tais como o MST e o próprio governo.

Assim, centramos nossa atenção nas interpretações dos trabalhadores rurais, através de suas próprias falas. Eventualmente estaremos mostrando que em alguns momentos a interpretação do MST pode ser conflitante com a trajetória, memória, cultura e visão de mundo destas famílias e que as conseqüências deste conflito podem gerar embates extremamente importantes quando provocam nos sujeitos desta história a necessidade de utilizarem seus próprios conhecimentos para derrotar as adversidades. No entanto, estes conflitos também podem ser prejudiciais quando deles resultam imposição de idéias e opiniões como se fossem verdades absolutas, uma vez que pensadas por um “intelectual orgânico” gabaritado para tal ou

⁴ A “lenda” do boi que não morria porque o velho Ribas depois de morto tinha “encarnado” nele é descrita com mais detalhes por Maria Stela Lemos Borges no livro *Terra: ponto de partida, ponto de chegada*.

porque algumas lideranças mais influentes acreditam nelas, ou porque já que deram certo em outros lugares, outras ocasiões e em outra conjuntura sócio-econômica, ou ainda porque são propícias às transformações sociais pretendidas por outros segmentos que não o dos trabalhadores rurais diretamente envolvidos nesta luta.

Assim, foi fundamental aprofundar nosso entendimento acerca de como estes trabalhadores concebem a terra para então detectarmos com maior precisão por que acontece este conflito, pois acreditamos que ele é fruto de um entendimento equivocado acerca do significado da terra. A partir disto, procuramos ultrapassar considerações, polarizadas, dualistas, simplistas e reducionistas no sentido de entender os reais motivos de luta pela terra para os protagonistas desta luta. Ouvíamos com muita frequência, de jovens, adultos e idosos ao longo de todo o assentamento, a seguinte expressão: “é preciso lutar muito para se possuir a terra” e uma pergunta acabava sempre por me acompanhar – O sentido desta luta é o mesmo para todos? – Afinal quem são estes homens e mulheres que lutaram pelas “Terras de Promissão”? O que moveu estas pessoas em busca por terra? Por que e para que querem terra?

Através destas indagações fizemos um esforço no sentido de compreender o significado de “lutar para possuir terra” com o objetivo de perceber se este significado tem haver com um desejo pequeno-burguês de propriedade privada; se tem como fundamento uma lógica comum, uma vivência específica do campo onde a terra pode representar não apenas uma solução econômica, mas um caminho para os que anseiam por um espaço onde seja possível a reconstrução de um modo de vida relacionado à herança cultural, tradição e memória. Ou se tem como motivação um ideal maior de transformar toda estrutura da sociedade, não só a fundiária, ou ainda, se podem articular, ao mesmo tempo todas estas dimensões.

Para responder alguns destes questionamentos partimos da consideração de que na base de nossas dúvidas e inquietações está o significado que assume a dimensão da expressão “terra” para diferentes segmentos sociais que se dedicam a pensar e opinar sobre estas questões.

É certo que a modernização e o desenvolvimento das relações capitalistas no campo, a globalização e os meios de comunicação que têm tornado as distâncias cada vez mais curtas e parecem ter levado à roça a pasteurização do modo de ser e de viver, dos gostos e das preferências, têm desafiado nossa capacidade para pesquisar a pertinência de uma luta por terra que possa ter como fundamento a luta por um modo de vida que reivindica as especificidades do jeito de viver no campo.

Porém, após várias histórias de vida, depoimentos e entrevistas com trabalhadores homens, mulheres e jovens deste assentamento, conseguimos algumas pistas extremamente interessantes acerca de como concebem a terra e qual o significado dela dentro do universo simbólico destas famílias. Assim, pretendo “deixar falar” algumas das vozes que tão generosamente abriram-se para nós. Estes homens e mulheres, estes jovens e idosos nos relataram, às vezes com muita emoção,

outras vezes com muita clareza, seus sentimentos e opiniões sobre como é viver na e da terra, bem como a importância deste modo de vida para a realização de seus sonhos, desejos e aspirações.

POR QUE E QUEM QUER VOLTAR AO CAMPO?

Excluindo as moradias das famílias que foram ligadas à COPAJOTA, todos os lotes são cercados, alguns fechados por porteiros ornamentadas por placas com o nome da *propriedade e do proprietário*. Um viajante qualquer, que por algum motivo tiver que passar pelas estradas vicinais que cortam estas terras, dificilmente poderá identificar este local como sendo fruto de um movimento social de luta pela terra. Como entender a configuração espacial e social que predomina neste assentamento? Será que suas decisões são coerentes com a uma lógica comum que faz parte da cultura de famílias rurais de pensar e agir no mundo? E aqui quando estou pensando em cultura rural estou me referindo a um termo que exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito de fazer determinadas coisas que embora não seja homogêneo nem autônomo, é diferente do estilo, do modo, do jeito de fazer estas mesmas coisas, por um outro conjunto de pessoas, ou por um outro tipo de sociedade.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1978) ao descrever a dialética entre o rural e o urbano nos alerta para a necessidade de estudos que abordem a cultura brasileira através de uma perspectiva totalizadora das relações entre o rural e o urbano. Além disto, parece que há, entre alguns estudiosos desta questão, uma polêmica em relação à capacidade do homem do campo de produzir e preservar valores próprios, mesmo porque alguns autores consideram que “este homem” está em vias de extinção.

Otávio Ianni (1984, p. 137), por exemplo, crê que se tomarmos a categoria povo como composta de operários e camponeses esta é, então, uma categoria condenada. Segundo este autor está ocorrendo a formação, o amadurecimento e o desenvolvimento das classes sociais: “Esta havendo um desenvolvimento das relações sociais de produção na cidade e no campo que tem provocado a dissolução deste povo dos nossos amores, da nossa ilusão. Acho que este povo está em processo de extinção”.

Esta postura de Otávio Ianni parece apoiada em Hobsbawm (1995, p. 258) que também considera inevitável o desaparecimento do campesinato em nível mundial:

A mudança social mais impressionante e de mais longo alcance da segunda metade do século, e que nos isola para sempre do mundo do passado, é a morte do campesinato. Assim, as mudanças da sociedade contemporânea não comportam mais o campesinato.

Entendemos a necessidade do alerta de Maria Isaura, tanto quanto as preocupações de Otávio Ianni e Hobsbawm. Entendemos que o avanço do

capitalismo no campo é implacável, inclusive em relação à destruição da cultura dos habitantes do nosso meio rural, uma cultura magnificamente descrita por Antônio Cândido e M. Isaura, embora ambos tenham também preconizado a fragmentação, degradação e dissolução desta cultura.

No entanto, estas constatações não podem ter o ranço de “profecias” e a história nos tem mostrado insistentemente que esta pode ser uma armadilha fatal. Sempre que lemos afirmações do tipo que preconizam a extinção do homem rural, pois sua cultura e seus valores, em contato cada vez maior e crescente com a vida e os valores urbanos fatalmente acabarão por degradar-se não podemos deixar de lembrar, por exemplo, as teorias racistas do século XVIII e XIX e às idéias do Conde de Gobineau, cônsul da França no Brasil e que publicou em 1856 *A diversidade moral e intelectual das raças*. Neste livro Gobineau não faz uma simples apologia da superioridade da raça branca, ele preconiza o fim do povo brasileiro em menos de 200 anos devido ao contato do negro com o branco e o índio. Este contato íntimo entre raças diferentes, esta miscigenação que ocorria no Brasil em larga escala rapidamente levaria ao nosso fim como povo e como processo biológico. Mesmo sendo “fruto do seu tempo”, Gobineau parece ter ido longe demais neste ponto de vista, que resvalou para esta “profecia” insana do nosso desaparecimento.

Mas o que achamos importante destacar é a dificuldade do intelectual em trabalhar com a ambigüidade, com o múltiplo, com a possibilidade de considerar que o amalgama biológico e cultural entre brancos, negros e índios pudesse produzir uma síntese do melhor que poderia existir entre eles. E é isto que vemos de semelhante quando alguns autores preconizam o fim do homem do campo, como se sua “inferioridade” em relação ao homem urbano fosse totalmente consumida dando lugar à exclusividade da superioridade urbana. Embora, não se possa falar que o rural irá “contaminar” o urbano deteriorando-o, não se deixa, no entanto, de profetizar o desaparecimento de um: o rural, mais fraco e inferior, em detrimento do outro: o urbano, mais forte e culto. Por que não pensar em uma síntese de cujo contato ambos os lados saiam fortalecidos sem que necessariamente um tenha que desaparecer?

Afinal, não podemos nos esquecer que hoje o maior movimento social e popular no Brasil é um movimento de volta ao campo, representado principalmente pelo MST⁵. Por que este movimento consegue incorporar tanta gente em suas fileiras? Desemprego? Desespero? Última opção para quem não tem mais nada a perder? Não é bem isto que constatamos com os moradores do Assentamento Reunidas. Além

⁵ Devemos esclarecer que o MST, não é o único movimento social no campo: há a luta dos povos indígenas pela demarcação de seus territórios; luta dos camponeses contra as desapropriações de terras para a execução das grandes obras do Estado. O MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens nasceu do processo de luta dos camponeses contra essas desapropriações. Há também lutas por terras tidas como “terras comuns” tais como “Terras de Parentes”, “Terras de Ancestrais”, “Terras de Preto”, “Terras de Santo”, “Terras de Índio” (diferentes de terras indígenas), “Terras de Irmandades” e outras. Há o Movimento dos Brasiguaios e dos Brasileiros. Podemos citar também o movimento dos seringueiros na Amazônia e de suas lutas pelas demarcações das reservas extrativistas, principalmente após o assassinato de Chico Mendes que teve repercussão internacional.

disto, existem outros movimentos de volta ao campo que embora com características bem diferentes, também reivindicam certo jeito próprio de viver na terra⁶. Por que tantos querem voltar ao campo? Quem são eles?

Os depoimentos de dona “Clarisse” são extremamente esclarecedores:

Logo que nós chegou em São Paulo nós arrumou emprego. Nós dois trabalhando registrado, ele de guarda noturno eu de servente no Hospital das Clínicas. Lugar terrível, tinha um colega dos meus filho, novinho de tudo, molecote mesmo, ele devia de ter 13 anos, ia em casa o danado. Pois ele num matou o próprio pai? Tinha outros que mexia com esses negócios de drogas e menina novinha já fazendo o que num deve e eu e o marido fora de casa noite e dia. Eu rezava e pensava: que é que vai virar dos meus filhos, meu Deus! Quando deu certo de nós ir prá Campinas já fiquei mais aliviada. [...] Lá já foi um pouco melhor, mas continuemo trabalhando muito fora de casa eu e o marido, até que era emprego bom registrado tudo. Em Campinas nós compremo um terreninho e já tinha construído uma casinha, quando apareceu aquele pessoal perguntando quem queria terra, quem que tava interessado em participar de umas reunião que era o pessoal do MST e da igreja que tava fazendo e coisa e tal. A senhora sabe que eu num pestanejei nem nunca tinha ouvido falar neste tal de MST, o que eu sabia é que eu queria terra. Falei assim pro homem: pode me esperar nesta reunião que eu vou. Minha cunhada falou: ocê tá doida? Teu marido não vai deixar! E num queria deixar mesmo, mais isso porque foi eu [bate forte no peito com a mão espalmada] que decidi vir, eu que fui participar de reunião contrariando o gosto dele de eu sair de casa né? Porque prá ele mulher pra sair de casa só se for pra trabalhar ou com o marido junto senão tem mais é que ficar em casa, ainda mais de noite, que as reunião era tudo de noite e ele num podia ir porque lá em Campinas ele também trabalhava de guarda noturno.⁷

Ela nos conta que morou muito tempo na cidade, mas que este não era o jeito que ela pretendia viver, era antes o jeito que foi possível no momento em que não mais podiam permanecer na terra:

⁶ Além das várias divisões dentro do MST, que acabaram por se tornar em facções diferentes, e de alguns movimentos de luta por terra que já relatamos, existe ainda um outro tipo de “volta” ao campo como nos mostra, por exemplo o trabalho de Gian Mario Giuliani: *Neo-Ruralismo: O novo estilo do velhos modelos*. Neste trabalho o autor usa, emprestado do francês, o termo *neo-ruralismo* para expressar a idéia de uma série de valores típicos do velho mundo rural, e que se pensava estarem em vias de extinção mas que passam por um certo revigoramento e começam a ganhar para si a adesão das pessoas da cidade. É neste sentido que afirma o autor: “a volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas e, sobretudo, da autodeterminação, são as dimensões que atraem as pessoas da cidade ao campo, assim como outrora as luzes da cidade atraíram a população do campo”. Desta mesma maneira e tendo estes mesmos motivos nós poderíamos nos referir as pessoas que hoje estão no assentamento, mas estranhamente, ou talvez sugestivamente, o trabalho de Giuliani refere-se a uma volta ao campo marcada por uma escolha voluntária e encabeçada por segmentos da classe média alta brasileira, como advogados, biólogos, e outros profissionais liberais bem sucedidos.

⁷ Dona Clarisse, 59 anos, casada, 5 filhos, Agrovila Birigui-agosto/99. Todos os nomes citados são pseudônimos e só aparecerá entre aspas uma única vez para lembrar este detalhe, mas as informações complementares aos nomes são reais. Sempre que for repetido o seu nome, não mais a identificaremos a não ser que houver algum detalhe extra que precise ser acrescentado. Este procedimento será adotado para todos os outros entrevistados, ou seja, quando citarmos de novo um mesmo nome já “identificado”, deve-se entender que trata-se da mesma pessoa.

Logo depois que nós casemo fomo mora em São Paulo. Nós somo de Minas do município de Cana-Verde. Meu sogro tinha um sitinho e nós casemo e fomo morar lá, porque na época que eu casei tinha só meu marido e outra filha solteira no sítio. Quer dizer que quem tocava mesmo a lavoura era meu marido. Mas com dois mês de casada meu sogro morreu. Os outros irmão apareceu querendo a parte, não entrava em acordo, então vendero. Meu pai trabalhava de meeiro, morava na terra, tinha as roça dele pra vende e tinha pra come sempre trabalhou assim. Então chamou meu marido pra trabalhar junto, meu marido num quis. Acabou dele arruma um serviço de administrador de fazenda nos fomo mais num deu 2 ano meu marido pulo fora, não quis. Dizia que pra trabalhar na terra tinha que a terra ser dele. Lá nós não podia plantá nada nem horta nada. Então fomo prá São Paulo onde já tinha uma cunhada minha. *Nesta vida é que eu nunca acostumei, vivi é certo, nós moremo 13 anos em São Paulo, mas num acostumei* (grifo nosso), tanto que assim que deu nós fomo prá Campinas, porque sempre quis sair daquele ambiente terrível que é São Paulo [...] Mas não sei dizer que lugar eu me sentia pior, se era lá no bairro dos ricos ou na favela. Difícil imaginar isso que a senhora perguntou de eu ter dinheiro assim de repente e poder mora numa casa daquelas, naquele lugar, acho que eu não acostumava nem assim. Eu ia me sentir estranha, diferente, ia achar que todo mundo tava reparando na gente. Sabe aquela favela grande perto do hospital das clínicas, era lá que nós morava. Vou te dizer lá era terrível, era fogo, mas tinha gente mais parecida com nós, gente pobre, muita gente que já tinha sido da terra que nem nós. Bom na verdade tinha todo tipo de gente!

Dona Clarisse expressa tristeza por ter sido obrigada que deixar a terra e mesmo quando a colocamos frente a uma situação hipotética de não precisar morar na favela e poder morar em um “bairro bom”, ela demonstra um sentimento de “estranhamento” que dificilmente a deixaria viver bem estando em um lugar tão diferente do que fora acostumada e mais do que isto, embora vivendo 13 anos em São Paulo e 05 anos em Campinas, parece que nunca se acostumou com a vida na cidade e que sempre se sentiu como “uma estranha no ninho”.

Não me parece que esta senhora tinha um sonho da vida melhor na cidade grande, pelo contrário, embora sempre trabalhando num emprego fixo, com “carteira assinada”, coisa muito valorizada pelos trabalhadores urbanos, possuindo inclusive casa própria ela não gostava da cidade.

Em resposta a pergunta da repórter Marília Gabriela (2000)⁸ em relação aos motivos que levam as pessoas a buscarem a terra João Pedro Stédile faz a seguinte declaração: “[...] quando o povo aceita deixar a cidade e acampar a beira da estrada *é porque já não lhe resta mais nada, nenhuma outra alternativa para sobreviver, comer ou trabalhar* (grifo nosso), ele se encontra no ‘pico do urubu’”.

Creio que esta resposta precisa ser melhor avaliada. Stédile afirma que as pessoas aceitam deixar a cidade porque não lhes resta mais nenhuma outra alternativa de sobrevivência, já não têm onde morar, trabalhar nem o que comer. Isto pode ser

⁸ Entrevista realizada pela repórter Marília Gabriela na rede de televisão “Rede TV” em 01/08/00 as 23 horas.

verdade em alguns casos, mas não é regra, pelo menos entre os moradores deste assentamento é, inclusive, exceção. Talvez tenha faltado acrescentar ou pensar que a imensa maioria destas pessoas tem uma ligação muito forte com o campo, com a terra, onde já moraram e trabalharam um dia. Nenhum funileiro, pedreiro ou mecânico desempregado que jamais viveu na terra se submete a tantas auguras por um pequeno pedaço de terra a não ser como ideal político. Lógico que não podemos generalizar estas constatações, que na verdade dizem respeito exclusivamente aos moradores do Assentamento Fazenda Reunidas. Mas aqui nossos entrevistados, que já foram moradores da cidade ou mesmo do campo, mas como empregados assalariados, se sentiam muito mais penalizados por serem “cativos do patrão” do que por não ter como sobreviver.

Vários depoimentos são semelhantes em relação às pessoas terem ou não condições de sobreviver, ter emprego, casa etc. Dona “Nilda” nos conta:

Quando saiu esse negócio das terra o “Adelmo” ficou doidinho, acho que se ele num conseguisse era capaz de morrer. Então nós resolveu acampar. Nós dispomo de tudo que tinha prá pode acampar. Vendemo a casa, e um terreninho. Nós tinha perua Kombi, o Adelmo vendeu também.⁹

Em outro depoimento dona “Telma” nos conta:

Nos fez inscrição, mas quando chamaro meu marido ele veio só com meu filho mais velho. Eu e as outras crianças ficamo em José Bonifácio, morando na casa da minha mãe, porque nós vendeu a nossa casinha porque eles falava que se arguém já tivesse patrimônio num ia ganha nada de terra, então nós arriscou tudo, vendemo a casa e meu marido saiu do emprego de tratorista na fazenda.¹⁰

Não apenas os depoimentos nos dizem que a maioria já possuía uma forte relação de trabalhar e morar na terra. Poderíamos citar inúmeros depoimentos semelhantes, mas pesquisas realizadas pelo ITESP mostram que 85,33% dos titulares dos lotes do Assentamento Fazenda Reunidas já possuíam esta experiência de trabalho anterior.¹¹

Também não são apenas os depoimentos que nos dizem que quase todos tinham emprego. O Censo de Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo nos mostra no item “Ocupação no ano anterior ao Assentamento” que dos trabalhadores assentados em Promissão 66,7% eram assalariados rurais (permanente, temporário ou autônomo), 22,8% eram assalariados urbanos (permanente, temporário ou

⁹ Dona “Nilda” 48 anos, nascida em Promissão, moradora da agrovila dos “44”, casada, mãe de 4 filhos, foi uma das pioneiras na luta pela desapropriação da Fazenda Reunidas. maio/99

¹⁰ Dona Telma 46 anos, natural da região rural de José Bonifácio, moradora da agrovila dos “44”, casada, mãe de 3 filhos maio/1999.

¹¹ Retratos da terra: perfil sócio econômico dos assentamentos do Estado de São Paulo. *Cadernos do ITESP*, n. 1, quadro n. 2, p. 37, 1997.

autônomo), e 2,3% encaixavam-se em mais de uma resposta, ou seja, 91,8% tinham emprego, e a expectativa de rendimentos no antigo emprego era de 4 a 5 salários mínimos para 36% destes. Além disto, este Censo ainda mostra que 26,7% dos assentados tinham de 21 a 30 anos de experiência com o trabalho na terra, 22,1% tinham mais de 31 anos.¹²

Portanto, não considerar esta experiência e esta relação pode comprometer a atuação do MST.

A TERRA COMO UMA “SEGUNDA NATUREZA”

Em vários depoimentos ou em trechos das histórias de vida, e mesmo em algumas entrevistas ou conversas informais, aparece com certa frequência uma expressão que nos chamou atenção e que relaciona a terra como sendo ou fazendo parte da natureza do entrevistado. Uma história de vida temática extremamente rica e significativa é a de uma senhora, já citada anteriormente e que chamamos de dona Clarisse, moradora da agrovila de Birigüi, que chegou a estas terras em 1987. Mineira de Cana-Verde, o sotaque “mole” quase cantado não foi de todo perdido durante os 18 anos de moradia no Estado de São Paulo. Morena, olhos castanhos, expressão forte herdada de antepassados índios, negros e brancos, dona Clarisse nos fez um relato muito detalhado de sua vida. Separamos um trecho desta história em que podemos perceber esta relação terra/natureza:

O que é a terra pra mim? Vou te dizer que a terra faz parte da *minha natureza*. Foi assim mesmo que eu arrespondi pro meu marido quando ele invocou de não querer vir. Ele é da terra assim como eu, mas achou que nós não sabia mais viver na terra, que fazia muitos anos que nós vivia na cidade. [...] Foi aí que o marido invocou que eu tava doida, que ele num queria mais ir prá terra de jeito nenhum. [...] Então ele veio com aquela conversa de que nós não estava mais acostumado com a terra, que já fazia muitos anos que morava na cidade e que nós já não ia saber viver na terra. Então eu perguntei prá ele: ocê já se esqueceu como é que se faz filho? Ele me arrespondeu: credo mulher, ocê tá achano que eu não dou mais no coro, tá besta ou o que que é então? Ai eu disse prá ele: besta é ocê, que não é disso que eu to falando! *Assim como é da natureza humana fazê filho e num esquece como é que faz, também é da nossa natureza viver na terra! como é que nós num vai sabê mais morar na terra se é da nossa natureza ser da terra?* (grifo nosso).

Dona Clarisse faz uma associação muito estreita entre terra e natureza, como se fosse mesmo impossível viver fora da terra sem que isto alterasse sua natureza, sem que isto não acarretasse tristeza, sofrimento e angustia.

Embora de região geográfica diferente, com um sotaque característico do Paraná, que infelizmente a escrita não consegue traduzir, de olhos verdes e cabelos

¹² Censo de Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo, p. 21, 22, 23.

claros herdados de antepassados italianos, dona “Lúcia” tem uma história parecida e faz a mesma relação terra/ natureza.

Quando tivemos que sair da terra era toda uma tortura, porque você esta acostumado na roça, na terra a vida é sossegada, né? Apesar de tudo... de ter perdido tudo, a soja e tudo, e nós precisar ir embora, o campo é muito diferente que uma cidade, cidade grande. Eu cheguei na cidade, para mim foi assim [...] uma transformação, eu ter que enfrentar *tudo aquilo que não era da minha natureza* (grifo nosso), aquilo que eu nunca tinha visto antes na minha vida. Ônibus super lotado. Gente que num se conhece, um que desconfia do outro. Num ponto de ônibus ninguém nem olha de lado, tudo um com medo do outro, desconfiado do outro. Se a criança adoecer tem que levar no médico sozinha, porque o marido está trabalhando de empregado e não pode ir junto. Ai eu tive que aprender a viver aquela vida dura e tão estranha.¹³

Em outros depoimentos, mesmo quando o tema abordado era trabalho também foi freqüente relacionar o estar no assentamento com algo mais comum à natureza como diz dona Vera:

O serviço aumentou *mas* é da natureza da gente, então a gente faz com o maior prazer porque é seu. Océ num tem um patrão prá falar: faz isso! E já chegar arrastar e levar embora.

O senhor “Danilo” de 56 anos natural da região rural de Promissão, também nos fez o seguinte relato em abril de 1999:

Nossa vida mudou muito depois que voltamo prá terra, principalmente no modo de trabalha, *que é mais igual a nossa natureza* (grifo nosso), porque a gente trabalha a vontade, faz o que a tua cabeça achar que é melhor, a hora que achar melhor e faz aquilo que você gosta de fazer. Porque trabalha de empregado às vezes tem que faze coisa que a gente não gosta. Aqui tem as dificuldade né? Só que ocê não é cativo do patrão.

O senhor “Adelmo”, marido de dona “Nilda”, natural da região rural de Promissão e um dos pioneiros na luta pela desapropriação da Fazenda Reunidas e um dos líderes do grupo dos “44” deixou bem claro em um dos seus depoimentos esta relação terra/ natureza:

O cara quando sai da terra perde um pouco *da sua natureza*, do seu jeito de ser. O cara fica desajeitado, em todo lugar ele se sente estranho, não encontra paradeiro, tá sempre querendo mudar de lugar, num se aquieta, parece que nada tá bom, que serviço nenhum dá certo. Em quase dez ano morando na cidade fui motorista, eletricista e carpinteiro, nunca consegui nada na vida, sabe por que? Nunca fiz nada disso por gosto mas por precisão. Quando o cara trabalha com gosto a coisa é outra. Tem 14 anos que estou aqui, mais depois de 6 anos eu já tinha construído esta casa que senhora tá vendo e

¹³ Dona Lúcia 46 anos, moradora da COPAJOTA casada, mãe de 2 filhos maio/99

comprado aquele trator. Depois foi só ir melhorando, mas trabalhamos duro, eu e a mulher e os filhos. Tem uns anos pior que os outros. Agora estou erguendo a casa do filho que casou e vai ficar aqui comigo, o mais velho já conseguiu seu lote aqui pertinho de nós, a menina não sei, ainda é nova, mas já estou tendo umas idéias aqui eu com a mulher. (grifo nosso).

Todos estes depoimentos são consistentes para a análise que pretendemos realizar. Porém, considero o depoimento do Sr. Adelmo e o de dona Clarisse decisivos no sentido de entender esta relação terra/natureza¹⁴. Ambos além de falar da terra como parte de sua própria natureza também atribuem a falta dela como algo que os torna estranhos, diferentes. Podemos, portanto, retomar Bourdieu para entendermos este sentimento, pois pensamos que ele possa estar associado à cultura no sentido de *habitus* formulado por este autor.

Bourdieu (1989) não usa o termo cultura para tratar das diferenças culturais que opõe os grupos sociais. Para isto ele recorre à noção de *habitus*. Assim, quando Bourdieu conceitua *habitus* ele está nos mostrando que ele é adquirido por uma série de condicionamentos que resultam do trabalho de educação e de socialização ao qual o indivíduo está submetido e que exercem um enorme peso em relação às experiências posteriores. Portanto, o *habitus* caracteriza e é próprio à determinados modos de vida específicos de uma classe social. Desta forma é o *habitus* que caracteriza um certo grupo social em relação a outro que não possui as mesmas condições sociais. O sistema de disposições que formam o *habitus*, são também disposições corporais que constituem o que Bourdieu define como *hexis corporal* e que é responsável por imprimir a cada grupo um estilo de vida particular. Mas a *hexis corporal* é muito mais do que isto, é uma concepção de mundo e uma moral “incorporada”.

Para Bourdieu pela *hexis corporal* as características sociais podem ser “naturalizadas”, portanto aquilo que se sente como fazendo parte da natureza depende de um *habitus*. O *habitus* explica ainda porque os membros de uma mesma classe social, ou de um mesmo grupo social agem frequentemente de maneira semelhante sem um prévio acordo para tal. Assim, é desta maneira que entendemos porque em tantos depoimentos diferentes, feitos por pessoas de diferentes regiões do país podiam conter esta associação que remete o pertencimento à terra como algo pertinente a própria natureza. Na verdade é algo pertinente ao *habitus* de um grupo, de uma classe social que não são comerciantes nem industriais, mas camponeses que mesmo mantendo suas especificidades próprias têm em comum um elo poderoso: a terra, capaz de garantir a homogeneidade dos *habitus* do grupo (gostos, atitudes, preferências) sem, contudo, negar a diversidade dos “estilos pessoais”.

¹⁴ Charles D’Almeida Santana ao fazer um trabalho que retrata o cotidiano de migrantes baianos entre 1950 e 1980, entrevistando uma senhora que relembra os tempos em que trabalhava e morava na roça, recolhe um depoimento em que esta relação também parece estar presente: “A gente trabalhava muntio, mas tinha uma vida assim, alegre pela natureza, né? No tempo de festas tinha muita alegria de fazer as coisas.” (SANTANA, 1998, p. 60).

O SENTIMENTO DE LUTA PELA TERRA

Lutar pela terra pode ter significados diferentes entre os próprios assentados, mas é um sentimento comum a todos. O depoimento de dona Nilda mostra a luta enfrentada por essa mulher pequena, franzina, mas que esconde uma tremenda força:

Bom vou dizer prá senhora que já contei esta história um par de vez, mas eu gosto de alembra daqueles tempo. Se deixar eu fico falando sem parar. Nós ficamo sabendo das terras através do Padre Vicente, que era pároco da igreja de Promissão . Ele fazia reunião no salão da igreja. Eu ia, o dia que o Adelmo estava ele ia comigo, ia eu e ele. O dia que ele não estava, ia eu no lugar dele [...] Eu morava bem longe, né? Mas eu ias enfrentando ventania, vento forte mesmo! Sei dizer que eu sofri prá chegar agora onde eu estou! *Lutei* muito para ter esse pedacinho de chão que eu adoro, ter esses 8 alqueire de terra! A gente fazia reunião em casa também. Então através da reunião a gente falava assim: “Tal dia [...]” Não falava “Nós vamo invadi”, falava assim: “Tal dia nós vamo pro “casamento”. Isto era acampar na beira da pista e todo mundo tem que topa e cada um leva a sua família.” Aí eu tinha medo, eu chorei muito! [...] nós resolveu acampar!. Minha mãe ficou chorando, ela não queria. [...] Quando nós ia na cidade, aquelas pessoas que era “puxa” dos Ribas falava assim: “Vocês são umas cambadas de vagabundos! Vai trabalhar prá vocês comprar terra! Aquilo lá tem dono! [...].Aí, que nem eu estava falando, teve um dia que nós acampou na beira da pista. Veio dez família de Cardoso, tinha gente de Indaiatuba e de Limeira. [...] E nós lavando roupa...comendo [...] Os homens fez aquele ranchinho de colonhão prá tampar do sol, passava então aqueles caminhão do Ribas e gritava assim prá nós: “Seus vagabundo! Vai trabalhar! Seus passa-fome! Seus ladrão de terra! [...] Se nossos filhos entrava um pouquinho no pasto prá caçar de estilingue eles era enxotado! Uma vez um menino estava no pasto e “eles” fizeram o coitadinho subi num coqueiro cheio de espinho. Mais judiario até! Uma vez também tinha duas mocinhas e os capanga ameaçou elas dentro do pasto. Na margem da BR não tinha espaço prá os meninos fazer um campinho de bola, então eles fez o campinho pro lado de dentro da cerca, mas os capanga foi lá e desmanchou tudo! Sei dizer que foi um sofrimento! Quando eu fui acampar, a minha caçulinha estava com um aninho, não estava andando ainda. Minha sogra, bem velha, coitada! Foi acampar também prá pegar o pedaço de terra dela. Aí chegou o dia da gente ocupar a terra. [...] Então, chegou o dia de nós ocupar, cortar o arame da cerca! Era meia noite, Mas foi uma aventura! Era uma noite fria de vento, eu tinha um freezer velho de guardar roupa, porque neste meio tempo meus móveis tinha acabado tudo.. Então, né eu ponhei essa minha menina pequenininha, um aninho e pouco, dentro do freezer e forrei com um panão em cima prá segurar o vento. Nós resolveu montar uma guarda na beira do asfalto prá ficar aguardando, prá não vazar, nós tinha medo que tinha vazado. Nós não falava: “Nós vai ocupar!” Nós falava: “Nós vai no casamento. (risos) Nós vai fazer o casamento!” Minha sogra velhinha, tinha outros velinhos também e a meia noite, tudo carregando mudança! Tinha até mulher grávida nos dias de ganhar nenê! E aí nós ocupou a área! No outro dia só dava cavadeira trabalhando, enxidão fazendo os barraquinho, fazendo barracão de reunião. Aí, com 3 três dias, prá aumentar meu sofrimento [...] apareceu um batalhão de polícia que veio fazer treinamento. Tinha uma bendita duma mulher que tinha, assim, mais conhecimento com a luta de terra e estava lá no assentamento visitando

a gente e ponho um baita medo em mim! Disse que eles ia acabar com os barracão, dá tiro, matar filho da gente! Muita gente de idade chegou a passar mal e não era nada era só treinamento deles! (grifo nosso).

O sentimento de luta, de ser pioneira, de enfrentar adversidade, dificuldades, preconceitos, medo é muito forte neste depoimento. Será que esta luta é só para satisfazer um desejo de propriedade privada? Mas ela já não tinha uma casa e um terreno na cidade? Outro depoimento feito por dona “Heloísa” também nos mostra que enfrentar tamanha luta não pode ser apenas por um desejo egoísta e individualista:

Quando nós entrou aqui foi uma *luta* tremenda que nós teve de enfrentá! Quando nós conseguiu entrá no lote, nos não tinha nem a lona para fazer o barraco, porque nós veio de inscrição, num tinha ficado acampado, e quando saiu as terras pra nós, nós fico sabeno pelo rádio, um vizinho que escuto o nome do meu marido e correu pra avisa. Pensemo que era brincadeira ai o home lá do INCRA confirmou e falou assim: cês tem que entra na terra hoje mesmo senão ceis perde o direito, que já faz dois dia que nós tá anunciando o nome do seu marido, e tem muita gente de olho nestas terras. Ai nós respondeu: mas como hoje mesmo? As criança tá na escola tem os trens de casa, como é que nós carrega isto? Ele falo prá gente que se nós tava mesmo interessado era prá trancar a casa, deixar as criança com algum parente, e ir de qualche jeito, mesmo sem leva nada, que lá eles dava uma lona e nós fazia um barraco, e depois aos pouco ia buscando as coisa. Então nós fez isto, mas como nós tinha pouco pertence e não tinha com quem deixar as crianças, nós pusemo tudo que pudemo dentro duns saco e fomo tudu mundo. Mas, minha filha, nem te conto, chegou lá tinha acabado tudo as lona. Ocê tá vendo aquela árvore alí embaixo? (ela nos aponta uma árvore grande e frondosa há uns vinte metros da casa atual) Pois foi essa nossa primeira casa. Fiquemo debaixo dela 05 dias, no tempo, mas ela foi nosso abrigo e tivemo *muita sorte de só chover dois dia, uma chuvinha assim rápida*. Eu acho até que o pessoal que ficou deste lado teve muita sorte, porque tem o rio logo ali (no fundo tem um “braço” do rio Tietê), então, água num fartava, nem pro banho nem pra comida. Quem ficou no meião, sofreu um pouco mais, porque tava mais longe da água e até tá pronto o poço e tudo né? Dia deste o marido tava querendo corta a árvore que ela tá sombreando os pézinho de café que nois prantou, mas eu num deixei, num quero. Ela é assim como se fosse um símbolo, né, *da nossa luta*¹⁵ (grifo nosso).

Mesmo estando embaixo de uma árvore, com três crianças entre 05 e 09 anos de idade, esta senhora considera muita sorte ter chovido apenas dois dias. Quem já passou pela experiência de ser pego de surpresa por uma chuva e ter que abrigar-se embaixo de uma árvore por alguns minutos, sabe que esta não é uma experiência nada agradável. Agora, passar dois dias embaixo de uma árvore com chuva e crianças pequenas, deve ser muito pior, porém dona Heloísa considera muita sorte. De que espécie de sorte ela esta falando? E quando ela se refere à luta e ao símbolo desta luta, de que luta fala esta senhora?

¹⁵ Dona Heloísa 45 anos, moradora da Joé Bonifácio, casada, mãe de 3 filhos maio 1999.

Retomando o depoimento completo de dona “Telma” ela nos conta:

Nos fez inscrição, mas quando chamaram meu marido ele veio só com meu filho mais velho. Eu e as outras crianças ficamos em José Bonifácio, morando na casa da minha mãe, porque nós vendemos a nossa casinha porque eles falavam que se alguém já tivesse patrimônio num ia ganhar nada de terra, então nós arriscamos tudo, vendemos a casa e meu marido saiu do emprego de tratorista na fazenda [...] Nossa foi uma dificuldade, até minha mãe num queria dar apoio pra gente, falava que nós távamos doidos que ia roubar terra dos outros e a polícia ia prender todo mundo! Olha você num sabe a *luta* que nos enfrentou. Pensa que foi fácil conseguir aquela terra? Foi preciso muita coragem e muita *luta*. Nem todos agüentaram, muitos foram embora. Meu marido e meu filho, este daí, ó, (aponta com a cabeça o filho que está sentado na beirada do poço nos ouvindo) foram pra lá e ergueram em barracão de lona, eles deram a lona, essas lonas pretas de plástico sabe? E lá ficamos até começa a erguer a casa. Nesse tempo eu ia e vinha, ficava de lá pra cá, só Deus sabe a *luta* que eu enfritei, sozinha sem falar pra eles pra num desanimar eles né? Largava as crianças na minha mãe, mais eu preocupava muito, porque ela é doente dos nervos sabe? Ela, não podia mais tá guentando barulheira de criança. Voltava pra casa eu sofria porque tinha deixado eles lá sozinho, tinha muito medo, por causa deles que ficaram pra trás. As pessoas falavam cada coisa! Que o Ribas ia mandar matar todo mundo que tava lá, que ia mandar sortar os bois em cima deles. Nossa, como sofri! Quando a casa tava quase pronta nós veio tudo pra cá. Isso foi depois de um ano. Aí começou outra *luta*! Não tinha água, não tinha força, num tinha televisão, o que olhava assim era só mato. Muitos desistiram. Muitas crianças tiveram diarreia e aquela meleca que dá nos olhos, sabe? Nós fomos firme, ficamos na *luta*, e olha tudo que nós temos hoje, num é uma maravilha? (grifo nosso).

Para o grupo organizado pelo MST, bem como para o grupo dos “44” que iniciou a ocupação quem veio “via inscrição” não enfrentou luta nenhuma, não sabe o que é lutar e mobilizar-se para conseguir terra. Para o grupo dos “44” até quem veio organizado pelo MST também veio depois da luta já estar ganha: “viram numa boa, depois que nós já tínhamos ocupado”.

Em uma das nossas entrevistas com o senhor “Adelmo” que é um dos pioneiros deste grupo, ele nos fez o seguinte relato:

Só enfrentou a *luta* quem ocupou. E a senhora quer saber quem ocupou? Quem ocupou foram nós dos 44. Nós é que enfrentamos a polícia, os Ribas e os capatazes que eles botam aí pra correr com a gente. Eu falo assim nós dos “44” mais não é toda essa agrovila aqui não tá entendendo? E no início nós era mesmo em 62 companheiros, ficamos juntos nove meses acampados e os capatazes dos Ribas vigiando a gente. Fazendo judiação, colocando medo. Num noite só foi embora mais de 20 dos nossos, com medo dos jagunços dos Ribas que eles eram mal mesmo, tá entendendo? Se pegava alguém sozinho eles judiavam pra valer e a senhora vê, esses jagunços é tudo uns pobres coitados iguais a nós, mas eles se achavam muito de ser jagunços dos Ribas. Mas nós não desistimos, mesmo com aquela turma indo embora, nós cortamos a cerca, porque isso eu tenho orgulho de dizer e é o certo, quem cortou a cerca dos Ribas fomos nós, os “44”. Hoje essa agrovila que tem o nome do nosso grupo tem mais de 100 famílias, mas muitas vieram de inscrição, não sabe o que foi nossa vida naqueles

dias. Num sabe o que é *luta por terra*. Num sabe o que foi o medo da jagunçada dos Ribas, que boto alguns dos nosso companheiro, pra corre. Gente boa era esses nosso companheiro, merecia ter ficado, mas muita criançada, muita judiação e olha que mesmo meio ressabiado com aquela debandada, nós que também tava com muita criança, nós não desistimo de continua a *luta*, de fazer a ocupação. Cortamo a cerca, entramo e ocupamo. Isto foi em outubro de 1987, a senhora vê, em novembro chegou aquela turma de Campinas, tá certo que é tudo companheiro nosso né, porque é tudo trabalhador, eles até ajudaro, mas aí vieram numa boa, depois que nós já tinha ocupado, depois que a luta tava ganha, a senhora não acha? (grifo nosso).

No entanto, o pessoal que veio organizado pelo MST considera que sem a presença e a intervenção das famílias organizadas por eles e vindas da região de Campinas seria impossível conquistar definitivamente estas terras. O depoimento do Sr. Mário recolhido em janeiro de 1999 é esclarecedor:

Pode ser que quem cortou a cerca foram eles, mas naquela época não tinha saído ainda a desapropriação definitiva. Eles cortaro, entraro e daí? Sabe que se nós não tivesse chegado eles não conseguia. Nós era em muitos, reforçou muito a luta. Nós tinha orientação jurídica e vou fala que talvez se não fosse isto hoje era possível da gente nem tá aqui. Sabe por que? Um dia chegou uns homens aí dizendo que tava com uma ordem do juiz, uma liminar, que era pra desocupa as terra que os Ribas tinha ganho na justiça. Muita gente amedrontou. Mas nosso pessoal falou: não, gente, vamo te calma, embaixo desse angu tem carço e isto pode ser falso. Era uma ordem lá dum delegado, mas que não tinha nenhum valor. Então acho que quem ganhou mesmo esta luta fomos nós.¹⁶

Esta considerações em relação a luta pela terra nos levam a pensar na colocação de Alessandro Portelli (1997, p. 41):

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não acrescentar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas conta-nos bastante sobre seus custos psicológicos.

Assim, entendemos as lembranças dos entrevistado como uma interpretação do passado vivido que não é mais como ele viveu e sim como ele o percebe hoje. Portanto, a experiência está presente na interpretação que o narrador faz do passado. A história que ele narra não é a história tal qual aconteceu, mas sim a visão que ele tem hoje repleta de experiências acumuladas e organizadas pela memória no momento em que é convidado a relembrar. Desta forma o entendimento acerca de fato histórico, é um entendimento em termos de interpretação, pois a história

¹⁶ Sr. Mário 54 anos, natural de Campinas, foi pedreiro, mas nasceu na região rural de Andradina, onde morou na roça até os 14 anos. Foi sócio da COPAJOTA, é militante do MST.

oral é interpretação, e então os fatos históricos não existem a não ser enquanto construídos culturalmente como tais.

Se não consideramos nenhuma fonte totalmente livre da subjetividade seja ela escrita, oral ou visual, especialmente em num trabalho em que a fonte oral é utilizada torna-se importante saber porque o sujeito foi omissivo, seletivo ou mais enfático em um determinado aspecto, pois com certeza isto possui significados que devem ser considerados. Assim, neste mesmo sentido Alistar Thomson (1998, p. 67), afirma:

Alguns praticantes da história oral na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira e não perceberam como o processo de relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual [...] Eles não se deram conta de que as distorções da memória podia ser um recurso, além de um problema.

Alessandro Portelli (1997, p. 31) faz uma colocação semelhante ao afirmar:

A importância do testemunho oral pode se situar não em uma aderência ao fato mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis.

Assim, Dona Heloísa, dona Telma, dona Nilda, Sr. Adelmo e Sr. Mário, como tantos outros são muito enfáticos ao considerarem que lutaram sim por essas terras, mesmo que o entendimento acerca desta luta seja diferente. Dona “Heloísa” marca toda sua lembrança através desta luta e sofrimento que passou durante os primeiros tempos de assentamento. Ela pouco sabia sobre o MST ou sobre a CPI, (ela é evangélica), no entanto durante toda nossa conversa está sempre se referindo a esta luta, como sendo a maior luta que já enfrentou na vida, tem até um símbolo dela: a árvore que não deixou o marido cortar. Considera-se uma mulher de muita sorte: afinal choveu apenas dois dias e tiveram a sorte de ter conseguido a terra através da benção de Deus.

A luta à que se refere, portanto, não é a luta para conseguir a terra, mas para manter-se nela, pois conseguiram-na através de Deus. Foi Deus quem lhes deu a terra, porém isto não a eximiu de enfrentar uma tremenda luta para nela permanecer.

Dona Telma e dona Heloísa possuem um sentimento semelhante e embora ambas tenham adquirido as terras via inscrição isto não os exime de um forte sentimento de luta para conseguir a terra. Inclusive uma luta de enfrentamentos com

a justiça, com os antigos proprietários, que durante alguns meses, no assentamento emergencial ainda ocorreu.

Dona “Clarisse”, dona “Telma”, dona “Nilda” e tantas outras e outros, porque insistiram tanto em ir em busca de terra? Elas e suas famílias não eram desempregadas sem perspectivas de vida, pelo contrário, estas famílias arriscaram o emprego, venderam a casa e passaram por momentos muito difíceis! Dona Clarisse foi para a beira da rodovia acampar com quatro filhos pequenos, porque viver na terra fazia parte de sua natureza. O que os movia? Por que arriscavam tanto, por quase nada? Sim, pois o meu ponto de vista “urbanocêntrico” me informava da tremenda dificuldade que deveria ser morar à beira de uma rodovia em baixo de lonas plásticas, sem água tratada, com pouca comida etc., etc., e tudo isto para conseguir mais dificuldade, ou seja, apenas um pequeno lote de terra sem nenhuma infra-estrutura, onde os problemas continuariam. Dona Tânia também tem a sua história de luta:

Nos fez inscrição, mas quando chamaram meu marido ele veio com o pai dele e com meu irmão que ainda era sortero e morava com a gente, né? Bom mora ele mora até hoje só que agora já tá casado, né? Eu e as crianças ficamos lá na vila onde nós morávamos, lá no Patrimônio dos Machado, que vinha a pertencer pra José Bonifácio. Mas nós somos mesmo de Montes Claro, a senhora já sabe né? Olha, eu fiquei na vila porque eu tinha que trabalhar muito! Os menino tava na escola, eu costurava para uma fábrica de meias, passei a trabalhar dobrado pegando mais costura, porque quanto mais costura mais eu ganhava, as vezes varava a noite costurando e ainda tomava conta da horta da escolinha eles não pagava nada não, mas tinha umas verdura pra levar pra casa. Eu não podia abandonar tudo de repente, eu tinha é que trabalhar dobrado, porque meu marido, meu sogro e meu irmão largaram o emprego pra ir pra lá. Como é que nós ficamos até ter a casa e plantar alguma coisa pra comer? Não foi fácil não, foi é uma **luta** danada que nem te conto! (grifo nosso).

Embora o assentamento possuía 629 famílias e poucas tenham participado do processo de luta que culminou com a desapropriação definitiva desta fazenda, a imensa maioria possui uma história semelhante de expropriação do campo ocorrida, principalmente durante a década de 60 e 70 e mesmo que não tenham lutado através de um enfrentamento direto com a justiça, a polícia, com os capangas dos antigos proprietários da fazenda e principalmente com a adversidade e a precariedade da situação de “acampado”, todos, de uma forma ou de outra acreditam e sentem profundamente, relatando-nos com muita intensidade a situação de “luta” que enfrentaram para conseguir as terras de promessa.

Todos os entrevistados que vieram para o assentamento após serem sorteados pelo INCRA, nos fizeram seus relatos sempre acentuando muito a luta que enfrentaram. Quem pode afirmar que dona “Tânia”. e sua família, assim como dona Helena e sua família não enfrentaram luta nenhuma? Será que não? No entanto o grupo inicial, os “44”, não pensa assim, nem o grupo organizado pelo MST.

Acreditamos que esta é uma divergência em relação ao significado de luta por terra, mas não uma divergência em relação ao significado de terra. Assim, a maneira de conceber esta luta difere de acordo com quem a esta relatando. Para o “grupo dos 44”, apoiados pelo GLEP e pela CPT e que iniciou o movimento em prol da desapropriação, a luta maior foi a deles. Para este o grupo as famílias que chegaram depois, via inscrição no INCRA ou mesmo as organizadas pelo MST, chegaram com a luta ganha.

Mas ao ouvirmos as histórias de quem aqui está, quer tenham sido os “pioneiros”, quer tenham vindo via inscrição ou via MST, percebemos que o sentimento de luta é comum a todos. Assim, começamos a perceber que este sentimento estava intimamente associado ao desejo de viver na terra e que, portanto, qualquer sacrifício para nela morar e permanecer é sempre percebido como uma luta, senão uma luta de encontros com a justiça e a ordem estabelecida, senão uma luta política e ideológica, uma luta diária, quase intermitente, de privações, sacrifícios, temores e desafios vários no sentido de garantir a sobrevivência e a integridade física e moral de todos os membros da família para que acima de tudo e de qualquer sacrifício, todos pudessem permanecer na terra.

Se o significado da terra e da luta pela terra podem ser conflitantes o mesmo não ocorre quando analisamos apenas o significado da terra. Para todos os assentados entrevistados por nós este significado parece coincidir e tem muito a ver com o significado atribuído por dona Clarisse naquele primeiro depoimento, que associa seu pertencimento à terra como algo que faz parte de sua natureza, como algo vital para tornar sua vida mais plena e digna.

LEMBRANÇAS DA TERRA: TRABALHO CATIVO “*VERSUS*” LIBERDADE & FORTUNA *VERSUS* MISÉRIA

Permanecer na terra é um desafio incessante que estes homens e mulheres têm conseguido superar. Esta superação, esta luta quase infindável com certeza esta relacionada com as condições e formas de trabalho que a terra oferece, que além de ser uma forte vocação capaz de ser exercida de forma mais plena e digna é ainda percebido como um trabalho livre e não mais cativo do patrão. O trabalho assalariado, registrado em carteira não é valorizado positivamente nem por homens nem pelas mulheres, ao contrário, ele é visto como um espaço de opressão e percebido como não fazendo parte da natureza deles. Estar no assentamento significa livrar-se dessa opressão e retornar a um estado que é plenamente aceito por estes homens e mulheres.

Alguns depoimentos nos mostram como esta concepção vem se formando através do tempo, passando de pai para filho, de mãe para filha. Dona Vera nos contou que seus pais sempre trabalharam na roça, mas sempre de empregado dos outros, nunca tiveram seu próprio pedaço de chão e que seu pai até o fim da vida não perdeu a esperança de um dia ainda pode ter uma terra só sua. Ela lamenta que

ele tenha morrido antes deles terem conseguido as terras do assentamento. Abaixo transcrevo um trecho de nossa entrevista no qual ela relata um diálogo que teve com o pai pouco antes dele morrer e que a deixou muito emocionada durante um longo tempo. O diálogo é muito mais extenso do que o que está transcrito aqui, mas embora minha resistência em recortá-los demais reconheço a necessidade de fazê-lo:

Sabe menina, meu pai passou a vida querendo uma terra só dele, ele gostava de lavoura de café, só trabalhou nisso, sempre café. Ele já tava muito doente, morando com a gente e um dia ele me chamou e pediu pra eu arrumá pra ele esses papelzinho de faze loteria que era naquele tempo loteria de futebol, a senhora se lembra desta loteria, que a gente tinha que acertar todos os time que ganhava os jogo e fazê 13 pontos? Pois é, essa mesma. Mas nunca vi meu pai joga em jogo nenhum, espantei, né, menina? Uai, que que tá acontecendo, será que o pai num tá bom da cabeça também? Então eu comecei a conversa com ele. Eu perguntei: tá precisando de dinheiro pra que pai? Tá fartando alguma coisa pro senhor? “Não fia, não é nada disso”! É que eu fico aqui nesta cama dia intero só matutano, matutano, e se eu acertasse a loteria, eu podia comprar uma fazenda num podia”? Meu Deus pai mas o senhor já num dava mais conta de toca fazenda não, que besterada é essa agora? “Num é pra mim não que eu num to doído, é pra você mais os menino num tê uma vida tão judiada como eu e tua mãe tivemo, trabalhando pros outro naqueles mundaréu de terra e nunca ter nada que é da gente”. Num tem um fazendero em toda Minas Gerais que entende mais de lavoura de café que eu, mas que que dianta, a terra é deles e pra mim sobrou doença”. “Teu marido é homem bão, trabalhador, o emprego do cês nesta fazenda num é ruim, mas é porque cês são novo ainda, o tempo passa, as perna enfraquece e vem outros mais novo no lugar. Trabiáí pros outros num é vida, fia, trabalhá de empregado é mesma coisa de sê escravo, escuta teu pai, me compra esse tal de jogo!¹⁷

Dona Vera ainda reforça sua posição de repúdio ao trabalho para os outros afirmando:

Olha menina, a mulher que trabalha pro outros, fora daquilo que é dela, ou ela trabalha por dois ou tem que perder muita coisa. Se ocê tem aquele trabalho por dia, eu acho que aquele dinheiro que ocê ganha num da pra mor d’ocê cubrir o teu serviço que ocê perde aqui (na casa e/ou lote) porque, vou te dizer menina, essas mãe que trabáia fora não tem nem tempo de educar os filhos e uma empregada também num faz de tudo que precisa, um doce, um pão, uma comida assim com fortidão né?

Indagando dona Telma sobre o trabalho assalariado e se ela não sentia falta de ter o seu próprio dinheiro para fazer suas coisas independentes do marido, ela imediatamente nos fez entender pelas suas respostas que ainda temos um certa ignorância em relação ao mundo rural e não conseguimos no afastar das concepções de vida urbana:

¹⁷ Dona “Vera” nos fez este depoimento muito emocionada. O pai morreu em 1978, quando eles trabalhavam em uma fazenda na região de João Molevade em Minas Gerais. As palavras do pai a influenciaram tanto que ela também começou a desejar a terra mais do antes, segundo ela mais do que o próprio pai.

Trabaiá assim por causa de salário a senhora fala? *Deus me livre!* A senhora acha que eu vou querer ter um dinheiro assim só prá mim? Por causa de que que eu ia querê tê esse dinheiro se não for prá ajudar o marido? Compra mais umas vaquinha, melhorar a cerca, comprar umas coisa pros moleque, uma televisão melhor, umas coberta pra casa, aí sim dinheiro é bom, mas não assim só prá mim né? Eu ia faze o que com ele se não fosse isso mesmo que eu falei prá senhora? O resto tudo que quero tenho, o lote é nosso, meu e do marido e tudo aqui é em conjunto. Eu não tenho estudo, se for trabaia num compensa, é mais duro! Que ver uma coisa? Na cata da laranja, tem caminhão que vem aqui ve se num tem gente que quer ir. Arguns vão, principalmente se no lote deles já plantou ou já colheu. *Eles registra e tem gente que se ilude com isso!* Só que é aquele salarinho contado e 30k de arroz. Mas todo dia as 7h tem que tá no 'pé-do-pecado' (pé de laranja). A condução pega as 6:30h, ocê vai chega só as cinco e meia da tarde em casa. Tá chovendo, fazendo frio, tem que ir, se perdê um dia num ganha os 30k de arroz e num é arroz bão não. Aqui, hoje tá frio e eu não fiz nada, nem roupa eu lavei. Nem tô aí! Deixa a roupa, amanhã eu lavo. Se ocê tá trabalhando pra fora ocê tem que fazer seu serviço de quaque jeito, com frio ou chuva, as vez até com dor, *nossa, quanto que eu já num trabalhei sentindo dor, até com febre. Nessa época eu sentia mesmo é falta de ter o meu canto, pra eu pode faze o que quiser* na hora que eu quiser. (grifo nosso).

Sr. Zeca também associa o possuir terra com a liberdade de poder trabalhar do jeito que quiser, a hora que quiser, sem patrão controlando o horário e o serviço:

A terra sendo da gente, a gente colhe e planta o que quer. Foi muito bom ter vindo prá, apesar de tudo, das dificuldades. Não tem como o camarada trabalha pra ele mesmo, o horário a gente que faz, a gente trabalha pra gente, com a cabeça mais leve, mais solta. Não é quem antes que nós ficava preso esperando o patrão chegar para dar as ordens. As vezes o patrão vinha só no Sábado ou Domingo, que ele era doutor em São Paulo, então eu ficava preso esperando, doido pra ir pescar ou conversa com os camarada na venda, mas não podia tinha que esperar ele, e ele não avisava quando vinha não. As vez ficava esperando ele não aparecia, isso me dava uma chateação. Eu era um camarada mais emburrado, vivia chateado, nervoso. Hoje isso passou tudo. Pesco a hora que quero, vou pra agrovila conversa com os camarada, vou prá Promissão, sento lá no escritório do doutor Edson, lá no DAF, tomo um café.

O Sr. "Osório" tem 52 anos, é natural do Paraná onde o pai tinha um pequeno sítio de 10 alqueires, mas quando ele tinha 20 anos o pai perdeu tudo e eles tiveram que deixar a terra. Daí em diante ele só morou em cidade. Passou por vários Estados, e estava morando em Lins, trabalhando de motorista de ônibus. Sua esposa participava de um curso de alfabetização para adultos que era ministrado pelo GLEP e ficou sabendo da movimentação para conseguir estas terras. Ambos ficaram entusiasmados, pois ela também já tinha morado no campo e sempre quis voltar para a terra. Os três filhos do casal, 2 meninos, na época um com 10 e outro com 12 anos e uma menina com 7 anos, ficaram com receio de deixar a cidade mas acompanharam os pais. Esta família foi uma das que formou o chamado "Grupo dos

44”. Nossas conversas com este casal e com seus filhos que hoje continuam morando no assentamento foram muito enriquecedoras.

Na entrevista feita com o Sr. “Osório” em março/00, seu depoimento em relação ao significado da terra é muito interessante e demonstra a influencia da concepção de seu pai, naquilo que ele entende como sendo o trabalho em terra própria:

Eu nasci e me crie na terra. Meu pai tinha um sítio muito bonito. Minha mãe costumava dizer que ali era um pedacinho do paraíso na terra. Nós tinha de tudo ali, fruta, verdura, leite, arroz, feijão isso só para o gasto nosso. Pra comercializar era um pouco de leite e soja. Tive uma infância feliz, não faltava nada. A escolinha ficava perto e era muito boa diferente dessas de hoje, acho que meus filho sofreram mais que eu. É a vida deles foi mais difícil. Mas então como eu tava dizendo, meu pai fez um financiamento que derrubou ele, acabou com tudo. Ele fez o empréstimo e deu o sítio de garantia. Num sei dizer ao certo o que aconteceu, se foi uma crise nos preço da soja, se os juro aumentou muito, só sei que lembro quando meu pai avisou que nunca mais nos ia conseguir pagar o banco e que ia ter que entregar o sítio. Ele sentou na mesa da cozinha, abaixou a cabeça e falou pra minha mãe: “eu acabei com tudo, destruí tudo, mas daqui ninguém me leva vivo, eles vão ter que me matar para me tirar daqui. Um homem do sítio sem a sua terra não é nada, não vale nada. Minha mãe tentava consola lembrando que nós ainda tinha uma casinha na cidade e que todo mundo podia arrumar um emprego! Ele disse: só sei trabalha na terra e não vou trabalhar em terra de estranho, não vou ser mandado como um muleque! Casa não vale nada! Com a terra se compra uma casa que nós compramo aquela, mas com a casa o que havemo de comprar se não vale nem uma unha do que nós tamo devendo!” Dois anos depois de nós estar na cidade meu pai morreu, pouco tempo depois minha mãe também se foi. A tristeza para eles foi muito grande. Ai os irmão foram indo cada um pra um lugar. Hoje eu só sei do paradeiro da minha irmã, dos outros quatro num sei dizer, mas nunca esqueci as palavra do meu pai: sem a terra um homem do sítio não vale nada. Por isto enfrentamo a luta aguentamo até o fim. Minha filha caçula teve uma diarréia que nos pensamo que ia perder ela, mas o pessoal do GLEP ajudou muito.

Dona “Sônia”, 59 anos é uma mulher negra, baiana, forte e muito risonha. Quando cheguei a seu lote pela primeira vez (março/99) fiquei surpreendida pelas condições precárias de vida. A casa ainda de lona, tinha poucos e precários móveis. Na sala apenas alguns caixotes para sentar e os restos de um sofá. Na cozinha um armário quebrado escorado por tijolo e uma mesa. Quinze pessoas moravam com ela que é viúva, 3 filhas casadas, 6 netos pequenos, 2 filhas solteiras e 1 filho deficiente mental. Uma das filhas solteiras não tem metade da perna. Inicialmente pensai que ia ouvir uma história de tristezas e amarguras, de reclamações do governo da situação etc. Surpreendentemente, dona Sônia começou a nos contar de sua imensa satisfação de ter conseguido aquelas terras. Seu sorriso largo e espontâneo suas palavras de contentamento por esta em uma terra que lhe pertence não combinavam com a precariedade do local. Apesar de já estarem na terra há dez anos, o lote não possui horta nem galinheiro. Há um chiqueiro de porcos com 4 animais e o pomar é mínimo.

Realmente sua história é triste, feita de privações e amarguras, mas sua voz forte, com muito sotaque, que pretendi reter na transcrição da melhor forma possível, revela antes, determinação, superação. Não há lamento contra a sorte, nem lamúrias em vão, nem mesmo em relação à ajuda que deveriam ter da assistência técnica e não têm. Quando ela começou a contar sua história a situação foi ficando mais inteligível.

Natural do sertão árido da Bahia, município de Caetite, fugindo da seca ela e a família já percorreram quase todo o país, chegando até o Paraguai, onde segundo ela, foram mantidos presos como escravos numa fazenda. Um dos filhos nasceu lá, mas ela não registrou o nascimento dele, porque não queria ter um filho paraguaio.

Sem paradeiro certo, ficaram de lá para cá durante 30 anos. Nestas andanças, morreu o marido e um filho. Há dez anos estão quietos no mesmo lugar, aqui no Assentamento Fazenda Reunidas, num lote precário, muitas bocas para alimentar, pouca produção, só mesmo para subsistência, quase não há o que comercializar. Plantam apenas mandioca e feijão. Por quê continuam aqui? O que os leva a permanecer em um lugar tão inóspito?

Minha filha se contá toda minha história é capaz de num me aquerditá. É uma história muito cumprida que eu vou encurtá. Sai mulher feita da Bahia, já casada e com tres filho. A seca castigou muito naquele ano. Não sei direito que ano era, faz as conta, eu divia de te 19 pra 20 ano, [...] é acho que era 1960, ou era 59, não sei, é por ai. Eu num queria vim pra Sum Paulo, queria fica em algum lugar lá na Bahia mesmo, um lugar que fosse melhor que aquele que nos morava, talvez ali perto de Guanambi, que é um lugar que a seca nunca castiga muitcho, num sabe? Mas meu marido era um cabra arretado e pôs na cabeça que fica na Bahia era vechatório prum homem que tinha perdido a lavoura e que ele tinha que vorta rico prá num sê desfeitiado. Se dizia que em Sum Paulo tinha muitcho trabaio e que o cabra podia inté fica rico e assim fui eu com meu marido sempre atras deste sonho impossível de enrica e ter terra só dele. Arrastou nós prá tudo quanto era lado. Depois que o marido morreu foi pior. Nós já foi muito castigado, muito judiado. A senhora nem queira sabe! Fomo parar no corte da cana. A pior coisa que tem no mundio é trabaio pros outro, ser mandado por capataz e muito tempo foi assim que nós trabaio, cortano cana com o capataz atras, vigiando, sondando. As vez gracejando com as minha menina, que eu já num tinha o marido entonsses sabe como é. Isso é uma desgraça! Esse meu fio que parece deficiente, é não, era sãozinho. Isso que aconteceu com ele foi num acidente com o caminhão dos boia-fria que levava turma pra corta cana, ele bateu com a cabeça. Os médico falou que ele não ia vive. Meu outro filho, o mais velho, que tava junto morreu na hora. [...] A menina que não tem a perna, a senhora viu ela? Foi um corte com o facão de corta cana. Machucou muito e nós sem condição, deu uma doença que num me alembro e teve que corta. Por isso eu falo: a única desgraça da minha vida foi a cana e a seca tumem né? Quando falei que tava num paraíso a senhora estranhou, é não? Depois de tudo que contei a senhora ainda duvida que eu tôu num paraíso? A senhora ve anssim, o barraco feio, os móvel desarrunado, mas tamo tudo junto, a famia toda Temo casa nossa, temo porco, mandioca, feijão. Fome ninguém passa. Uma vez veio um cabra lá do governo dizê que se nos continuava assim ia te que devolve o lote pra eles, que nós não tava progredindo e que tinha gente melhor que nós pra mora aqui e fazê essas

terra ir prá frente. O que que eu fiz? Conte pra ele minha história. Aqui nunca mais apareceu ninguém. Olha vou fala uma coisa pra senhora: daqui ninguém tira a gente, que filho meu nem neto num vai mais se judiado, nem castigado e mandado pelos outro, sendo desfeitiado como nos já foi. Podemo come só mandioca e feijão, mas tá bão, tudo mundo tá junto agora e num tem mais ninguém pra maltratá nós!

Dona “Sônia” tinha 59 anos, quando nos contou sua história em março/99. Realmente é uma história muito longa, das qual transcrevemos apenas um trecho, cheia de idas e vindas perdas e ganhos, alegrias e tristezas, encontros e desencontros, com os pais e os irmãos. Mas, sua coragem e determinação são inabaláveis. Seu lote localiza-se em uma área pouco fértil, de solo arenoso que não é bom para lavoura, mas que seria ótimo para pastagem, mas como a família é muito pobre, não conseguem financiamento para gado leiteiro. As condições de vida deles não são boas, mas já foram muito pior. Poderiam ser melhores se obtivessem ajuda para elaborar um projeto de financiamento para gado leiteiro.

O trabalho em terra própria se contrapõe com o trabalho assalariado seja na terra ou na cidade. A terra é concebida como um meio de ser livre, de não ser mandado, castigado, judiado. O trabalho na terra aparece como centro na definição de vida destas mulheres e homens: “um homem do sítio sem sua terra não vale nada” nos diz seu Osório. Ou seja, é um homem sem definição, cuja identidade fica abalada.

No caso da dona “Sônia” e em todos os outros, trabalho na terra é claramente entendido como forma de garantir casa, comida, emprego, saúde, escola, paz, tranquilidade, justiça, ou seja, capaz de garantir os frutos que o trabalho pode proporcionar.

A fartura que a terra pode representar é constante e recorrente em todos os depoimentos e entrevistas e também estão associadas à liberdade que o trabalho em terra própria proporciona.

No assentamento as mulheres recuperaram práticas tradicionais, tais como fazer com a mandioca o próprio polvilho para preparar biscoitos; colher a laranja e fazer o doce; matar o porco, salgar a carne, fazer a banha, a lingüiça; amassar e assar o pão e ainda fazer o próprio sabão.

Estes trabalhos, muitas vezes considerados opressores e ultrapassados, principalmente nos centros urbanos onde tudo pode ser comprado pronto, representam para estas mulheres, um saber recuperado, impedido de se manifestar nas cidades ou nas roças dos patrões. É trabalho que se transforma em fartura. Dona Vera, por exemplo, nos contou que quando era criança ajudava a mãe e a avó no preparo do polvilho, que depois iria resultar em maravilhosos bolos e biscoitos, no entanto, depois mocinha e já casada, nunca mais pode fazer para os filhos aqueles quitutes. Ela julgava até que não

se lembrava mais de como fazê-los, porque tinha perdido o hábito de prepará-los. Em um pequeno trecho de sua história de vida, ela diz:

Quando nós era empregado dos outro muitas coisa eu queria fazer, mas de que jeito se tudo tinha que ser comprado? Nós até plantava alguns pouco pé de mandioca no meio do café que não dava para nada. Prá fazer polvilho, menina, precisa de muita mandioca. E o resto que vai prá fazer o biscoito? Tinha que comprar tudo! Hoje nós faz biscoitinho de polvilho a rodo de tanta mandioca que nós tem. Viche! É uma delícia, nossa! Num precisa comprar nada para fazer o biscoito! Ovo nós tem, gordura nós faz, polvilho nós faz, leite, nós tem, só precisa comprar mesmo é o sal. Que gostoso que num é né menina? Eu acho que se melhorar mais até estraga, viu? Hoje eu num faço só biscoito não, faço muito doce: de laranja, de mamão, de abóbora, de leite. Nossa de leite a mulecada lambe os beijo! Tudo esses doce eu aprendi a fazer com a minha mãe. Mas precisa ter coragem para fazer, não é qualquer um que enfrenta não, porque é um servicinho enjoado, que eu nem lembrava mais como era. Só que eu faço com o maior carinho, com o maior prazer, porque é meu. Num tem um patrão prá falá: faz isto! E já chegar, arrastar e levar embora. Patrão via pedindo prá eu fazer biscoito de polvilho. Quando era mais novinha até que cheguei a fazer, mais depois dava uma tristeza de vê aqueles meus biscoito tão bão ir embora e nem obrigado falava. Ai resolvi falar que não sabia fazer e com o tempo achei até que tinha esquecido mesmo. Mais hoje sempre que posso faço e faço de montão não é poquinho não, é prá comer mesmo!

A fartura na terra traz lembranças de cheiros, quintais, sabores. Dona Clarisse nos fala de fartura e de lembranças que ela procura reproduzir, tal qual dona Vera¹⁸:

Na cidade tudo tem que se comprado é tudo no dinheiro. Imagina só comprá banana, meu pai se tivesse vivo num acreditava nisso e nós mesmo morando na roça se queria banana tinha que compra. A terra era do patrão e só tinha café e ninguém podia fazer nem horta. No tempo do meu pai era diferente. ele era meciro mas tinha o de come pra nós, fruta, verdura, galinha. Lembro que ele apanhava os cachos de banana já granado, mais ainda verde, cavava um buraco no chão do quintal e pnhava enrolado num jornal, daí tres dia ele tirava. Nossa! A banana ficava um mel e que cheiro! Aqui, plantei banana e faço o mesmo. Pena não ter nenhuma no buraco pra senhora vê, mas o bananal taí.

Dona Tânia também faz questão de nos dizer e mostrar tudo que tem no lote. Sua voz torna-se orgulhosa quando nos diz:

Aqui se quero uma laranja vou no pé e apanho. Se tô precisando de feijão entro no quartinho pego um bocado e vou peneirar, se preciso de café vou no quartinho pego do saco torro e vou moer. Se quero um frango caipira eu vou no terreiro e tem. De vez em quando, tem um porco gordo, eu mato. Sabão eu

¹⁸ Pensamos esta reprodução como algo semelhante ao que Alfredo Bosi (1979) diz: “Enquanto houver um cotidiano popular rústico, as tradições se reapresentam e se reelaboram não como reprodução compulsiva do passado, mas como necessidades da população. *Tradição e contradição*.”

faço em casa, não preciso estar comprando essas barrinha que eu comprava antigamente e não valia de nada. Isto é uma satisfação!

O ideal de fartura faz com que homens e mulheres cultivem cada vez mais o hábito de preparar tudo o que podem em casa e ter orgulho de mostrar o fogão sempre cheio, o pão quente saindo do forno. Em meio a muitas entrevistas somos interrompidas para tomar café, comer um pedaço de bolo ou pão. Na pausa de uma destas entrevistas dona Clarisse foi insistente:

Hoje a senhora não sai daqui sem levar esse pão que fiz especialmente pra senhora, venha ve logo que a menina já tá tirando do forno. Num ficou uma beleza? Sabe tudo que nós pode nós faz aqui mesmo. Olhe no terrero meu marido, hoje ele tá batendo milho prá fazer fubá. Esse fubá que nós faz fica meio grossinho, não é que nem esses comprado, ralinho ralinho, num dá polenta boa. As vez as pessoa pergunta como é que faz polenta. Eu digo: olha, começa fazendo o fubá senão a polenta num fica boa não. Não tem mais fubá como os de antigamente, só esses mesmo que a gente faz é que presta.

O chiqueiro de porcos existe em todos os lotes que visitamos até nos mais pobres. O porco é um animal criado exclusivamente para consumo, mas segundo o depoimento de dona Telma, logo abaixo, parece significar mais do que isto. É comum pedir a um vizinho que venha ajudar quando o porco está no “ponto” de ser abatido e nestes casos jamais o vizinho pode ir embora sem levar um bom pedaço de carne e também, dependendo do tamanho do porco, ganha-se uma lata de banha. Dona Telma faz um depoimento interessante a respeito de porcos, fartura, costume, ajudas, vizinhos e lembranças de patrões:

Porco todo mundo tem que ter. Porco é fartura, e, além disso, ele cisca prá frente, ajuda o dono a ir para frente também. Ainda mais se tem galinha, ai tem que ter porco de qualquer jeito. Porque? Porque a galinha cisca prá traz, se tiver só galinha o dono num vai pra frente. Pode andar esse assentamento interinho que a senhora num vai encontra um lote sem porco! Quando o marido da Toninha vem ajudar a matar o porco é festa! Nós faz comida junto armoça junto, a molecada faz aquela farra e eles ganha a carne, né? Isto é o nosso costume aqui, né? Bão acho que tudo lugar é assim. Agora trabalhando pros outro a gente ganhava também, porque que nem eu falei é costume: quem ajuda a matar o porco tem que ganhar senão, quem não dá atrai pobreza. Nós matava o porco pro patrão, mas ganhava só as tranqueira, né? Nós ganhava as barrigada e os miúdo. Que mardade né? Nós precisando tanto e eles que tinha tanto dava só isso.

A fartura na terra em contraposição com a miséria vivida na cidade ou mesmo nas roças do patrão aparecem em quase todos os depoimentos, mas o de dona Telma acaba por resumir muitos deles.

Eu sempre morei no sítio, fui morar na cidade já grandinha, mas a saudade da terra era grande! As vezes no meio do dia dava vontade de beber leite, a gente

ia buscar a vaca no meio do pasto. Era uma vaca mansinha lembro como se fosse hoje, ela chamava Maritaca. A gente corria atrás das vacas, era amarrar capim pra vê os outros cair, andava de cavalo, ia pro rio, brincava no meio do cafezal. Ia muito pra casa da vó que era pertinho. Viche! Na casa da minha avó nós pintava e bordava! Quando nós mudamo pra cidade de Rio Preto foi muita tristeza, nós sentia muita saudade, parecia que tinham arrancado um pedaço da gente! Não tinha mais aquela liberdade, aquela fartura! Imagina, bebe leite no meio do dia! Que nada, leite nós nem via mais! E arroz então? teve uma época destas braba, que nós só comemo macarrão mais de seis mês, arroz, num via nem o cheiro. Ocê sabe que até hoje eu num topo muito macarrão?

Dona Maria do Carmo além de relacionar a terra com a fartura em termos de alimentos, nos apontou uma outra vantagem: poder plantar ervas medicinais. Com a ajuda do padre de Promissão, que deu-lhe um livro sobre a atuação das ervas no organismo, ela fez uma horta “medicinal”, seguindo as lembranças das andanças pelas roças e matos que fazia com a mãe, procurando ervas para cólicas, febre, dor de garganta.. A princípio ela julgou que não seria mais capaz de reconhecer todas aquelas ervas que a mãe e avó tinham em casa, algumas precisaram ser compradas e hoje ela possui uma horta com muitas ervas.

Olha nós tem de tudo aqui: marcelinha, serve prá cólica de criança nova; novalgina: ajuda a abaixar febre. É mesma coisa que novalgina. Esse é o poejo: faz chá pra tosse; aqui tem boldo serve pro estomago, erva-doce, erva cidreira, capim limão. Aqui tem romã, serve para fazer chá para dor de garganta.

Todas estas evidencias nos permitem afirmar que as experiências obtidas, por estas famílias, ao longo de suas vidas pode ter contribuído para transformar costumes, tradições, hábitos, porém não a ponto de descaracterizá-los. Muita coisa ainda sobrou do modo de viver típico do sitiante tradicional, que no assentamento encontrou espaço favorável para se manifestar.

Estas evidencias nos permitem perceber que o significado da terra vai além da alternativa para a miséria e desemprego, mas acima de tudo consideram-na como uma forma digna de viver, morar e trabalhar, uma forma que é mais de acordo com a sua *natureza*, que muitas vezes parece coincidir muito mais com os ritmos da natureza física do ambiente que os cerca do que com o ritmo do relógio.

O significado atribuído ao valor da terra não tem relação com o que ela que vale para o mercado, mas sim com o que vale moralmente para àqueles que dela precisam para o seu sustento¹⁹. Mais do que um fator econômico, a terra para estes sujeitos representa um espaço em que é possível realizar um modo de vida,

¹⁹ Para Woortmann (1990) em *Com parente não se negocia*, a ética camponesa ou o que ele chama de *campesinidade*, ou valores culturais camponeses, a terra tem muito mais um valor moral do que econômico e produzir para o mercado, não significa, necessariamente, estar integrado a ele e nem tão pouco, modernidade, no plano do valor. Significa garantir a terra como patrimônio da família, sobre o qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor.

que comporta um jeito de querer viver, morar, trabalhar e divertir-se que não são separados, que acontecem no mesmo local, e muitas vezes concomitantemente. O que é muito diferente do que ocorre com os espaços do homem urbano, em que cada esfera de sua vida exige um espaço determinado para realizar-se.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nossa pesquisa mostra que de uma certa forma o mundo rural permanece neste assentamento através de práticas diferenciadas das práticas urbanas, através de modos de sentir, de viver e de pensar a vida e o mundo do trabalho essencialmente diferente do modo como estas coisas são pensadas e sentidas no mundo urbano. Práticas que são engendradas a partir da memória e experiência histórica destes sujeitos, das lembranças *berdadas do passado e que são digeridas, assimiladas e recriadas* e que não surgem da imposição de órgãos mediadores.

Podemos perceber nos depoimentos e entrevistas o quanto à posse da terra significou para as vidas destas pessoas. E mais ainda, podemos sentir nos seus gestos, nos seus olhos e na ênfase de suas vozes o quanto a terra é sinônimo de liberdade entendida como poder trabalhar a hora que quiser, fazer o próprio horário, não ter que prestar contas ao patrão. A terra é moradia, aconchego, fartura, mas é trabalho autônomo.

Todas as evidências analisadas nos permitem pensar que antes do assentamento, embora talvez até fazendo o mesmo trabalho, estes homens e mulheres não o percebiam como útil, pelo contrário, além de cansativo, monótono e obrigatório ele beneficiava somente ao patrão. Hoje este trabalho é sentido como tendo uma finalidade uma vez que seus frutos são inteiramente revertidos em benefício próprio e do aumento da qualidade de vida da família. Talvez os assentamentos e o modo de vida e de produção que se estabelece no mundo rural coloquem estes homens e mulheres numa situação menos alienante no sentido marxista do termo, pois como afirma Marx (1979, p. 97):

O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas, mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido.

Exatamente esta situação de trabalho, penoso, sofrido e que não faz parte da natureza, para estes assentados é lembrança do trabalho urbano, que o trabalho na terra parece “libertar”.

Percebemos que valorizar o saber e a experiência da vida comum de agentes sociais que nunca tiveram voz, é de fundamental importância no sentido de

libertar a história de muitos preconceitos e conduzir-nos a percepção de processos históricos diferentes, simultâneos, além de promover o papel enfático e decisivo da cultura como uma das forças motivadoras de transformação histórica.

Estamos pensando, portanto, que o resgate de certas tradições, a experiência e resistência cultural de famílias assentadas frente à coletivização e racionalização produtiva do processo de trabalho segundo concepções vindas de “fora”, segundo aquilo que órgãos estaduais, ou grupos de apoio consideram avanço e modernidade devem ser atentamente examinadas, antes de nos lançarmos à interpretações simplistas, do tipo que rotula estas famílias como conservadoras e atrasadas ou que polariza a interpretação entre moderno e arcaico.

Acreditamos que as famílias em busca por terra tinham um projeto de vida em comum. No entanto, este projeto de vida não implica em um modo unitário de ser, baseado sobre um único princípio ou uma única causa, mas está associado a uma “certa lógica comum”, a uma maneira especial de ser, de se pensar, de pensar os outros e de estar no mundo, e que pode ter conduzido estas pessoas para a luta pela terra e não ao contrário. Portanto este desejo é que as conduzem à luta pela reivindicação do direito à terra, ele é o cimento que une estas pessoas. Então, ele não termina nem esmorece com a conquista da terra, porque embora a luta possa ter fortalecido esta união, seu mote principal é um projeto de vida centrado no viver na terra, que perdura e parece não findar.

Assim, estes homens e mulheres que compõem as famílias deste assentamento e que percebemos “semelhantes”, tiram esta semelhança daquilo que lhes dá unidade: a terra. Por isso mesmo o assentamento não é, nem poderia ser, um todo homogêneo, longe disto. As individualidades existem. Há sempre um detalhe que fala da vida íntima de cada família, e que as particulariza.

Mas a terra é o elo que os une e, portanto lhes dá identidade sem, contudo os tornar homogêneos. Se esta identidade centrada no querer viver na terra é anterior à luta, portanto não é a luta que dá coesão ao grupo, não é a luta que transforma ou modifica a identidade. A luta, pode sim, reforçar esta identidade e reconstruí-la.

Com o esclarecimento das fontes orais, percebemos que a luta pela terra travada pelas famílias do assentamento Fazenda Reunidas, não foi apenas uma alternativa ao desemprego ou ao subemprego a que muitos deles estavam submetidos, mas sim um projeto de vida. Constatamos que embora esta luta incorpore em suas fileiras um certo contingente de trabalhadores urbanos desempregados, todos possuíam suas raízes no campo.

Suas histórias nos permitem afirmar que a conquista da terra para “plantar o que, quando e como quiser”, garante um sentimento de dono do destino e autonomia, a toda família. O homem ganhou maior dignidade ao conseguir alimentar e abrigar a família com os frutos do seu próprio trabalho sem ser “mandado”. Os jovens, apesar da vida rústica da roça, foram socializados no mundo da luta pela

terra e demonstram claramente, um sentimento de orgulho pela conquista dos pais e sentem prazer em trabalhar em uma terra que “não é de patrão”.

A mulher recuperou certos “saberes adormecidos” como: colher a laranja e fazer o doce, tirar o leite da própria vaca e fazer o queijo e a manteiga; matar o porco e fazer a lingüiça, o torresmo e até o sabão; ralar a mandioca, fazer o polvilho para preparar o biscoito; buscar no “quintal” os ovos, juntar com o leite, a manteiga e fazer o pão. Estas práticas, normalmente consideradas tradicionais, ultrapassadas e opressoras da mulher em uma sociedade urbana, no assentamento parecem significar conquista de autonomia e delimitação de um espaço feminino em que a mulher “reina” absoluta, pois transforma trabalho em fatura. O trato com os alimentos parece ser uma habilidade desenvolvida através de um saber acumulado por gerações e gerações de famílias camponesas.

Este “saber fazer” específico do universo feminino de tradição camponesa, impedido de se manifestar nas cidades ou no trabalho nas roças do patrão, colocou para estas mulheres o desafio de reaprender novas/antigas formas de lidar com a terra, (re)despertando-as para o valor dos alimentos tradicionais e das ervas medicinais. Trouxe de volta um sentimento de orgulho e prazer, quando a memória foi buscar no baú das avós, receitas de biscoitos e chás medicinais, pães e bolos que muitas mulheres não acreditavam mais que ainda sabiam prepará-los.

As fontes orais nos permitiram ainda, perceber certas sutilezas do universo mental, social e cultural destas famílias que seriam impossíveis de serem apreendidos de outra maneira. A divisão sexual do trabalho, por exemplo, que é muito nítida no assentamento acabando por resultar em uma certa hierarquia entre homens e mulheres, sem o esclarecimento proporcionado pela fonte oral poderia a primeira vista, nos levar a pensar em uma rígida subordinação feminina. No entanto, o que temos observado é mais uma delimitação de espaços e papéis, do que uma submissão e/ou subordinação feminina. Estas mulheres não manifestam a necessidade de ter o “seu próprio dinheiro”, como normalmente se ouve de mulheres urbanas. O trabalho assalariado é pensado como um trabalho “cativo”, que judia, maltrata e oprime. Vários depoimentos revelaram que livrar-se do trabalho assalariado é livrar-se da opressão e da sujeição ao patrão.

Consideramos, portanto, que não entender os sujeitos desta luta como capazes de possuírem um projeto próprio para suas vidas é esvaziar-lhes o saber, percebendo-os como pouco letrados e “prisioneiros” de uma espécie de paternalismo das classes dominantes e/ou intelectuais, o que os desqualifica como sujeitos políticos. E assim, projetos “de cima” pensados por intelectuais ou líderes de movimentos sociais, são impostos por serem considerados os mais adequados àqueles que não sabem decidir sobre o próprio destino.

Pensamos que nosso esforço em responder as questões propostas por esta pesquisa pode contribuir para que os projetos elaborados quer pelo Estado,

quer pelo MST ou por outros grupos de apoio à reforma agrária, possam ser mais eficientes e mais ágeis a medida que não nega, mas incorpora nestes projetos o saber e a cultura destes agentes sociais, seu modo de sentir, pensar e agir diante da produção e da transformação da sociedade.

Creemos, ainda, que as reflexões em torno da reforma agrária precisam ser exaustivamente analisadas. As interpretações acerca da reforma agrária e de todo este processo de luta pela terra são múltiplos, porém acreditamos que pensar a sua realização implica em uma determinada forma de conceber a terra. Quando um intelectual se dispõe a estudar a reforma agrária, seja ele contra ou a favor, ou mesmo quando o Movimento dos Sem Terra prepara suas cartilhas para defender a reforma agrária, interessa a ambos demonstrar a validade de seus pontos de vista. Quando me refiro a ponto de vista estou querendo dizer também, filiação teórica, visão de mundo, formação acadêmica, pertencimento social que comportam e conformam um determinado jeito de pensar o homem, a sociedade, o mundo e neste caso específico, comportam e conformam uma maneira de pensar a reforma agrária e a terra. Mas, quanto mais rígida for a filiação teórica, do intelectual ou do Movimento, tanto mais entrincheirados ficarão em suas posições, e quanto mais entrincheirados menor o campo de visão, maior a aversão pela opinião do “outro”.

O “outro” que pensa política e intelectualmente diferente ou é encarado como “inimigo” que deve ser combatido, ou como um desvalido, depauperado econômica e intelectualmente e que, portanto, deve ser conscientizado e conduzido. Nunca o “outro” é visto como alguém que pode ter algo a dizer e a nos ensinar ou que pode pensar por si próprio e decidir sobre o seu destino. E é exatamente neste ponto que acreditamos estar o nó desta questão, ou seja, grande parte da literatura acadêmica e grande parte do MST, não consideram a visão de mundo daqueles que estão em luta por terra, não consideram seu pertencimento, o seu ponto de vista e a sua formação cultural, e sua forma de conceber a terra.

Referindo-se especificamente ao MST, José Geraldo Poker (1999, p.287) afirma:

Mas caso a direção do Movimento permaneça cultivando os elementos de coação e de heteronomia, que aprisionam quaisquer paradigmas adotados no dirigismo e coletivismo, podendo ser eles observados no campo discursivo das publicações oficiais do MST, na fala dos militantes e inclusive na mística, daquelas planejadas, poucas mudanças ocorrerão. O dirigismo e o coletivismo alimentam as contradições observadas no campo da prática, aumentando as probabilidades da mesma história se repetir, a despeito do esforço empreendido em contrário, como há muito tempo se vê na relação entre os agentes mediadores e os sujeitos de movimentos: como último ato de sua emancipação, os sujeitos emancipados tendem a completar o processo, emancipando-se também dos emancipadores.

A luta pela terra travada pelas famílias deste assentamento não parece uma luta que pensa a propriedade da terra unicamente como propriedade burguesa, como forma de resolver problemas apenas materiais. É antes um instrumento de luta pela vida, mas não de vida material simplesmente, mas sim de uma vida mais plena e digna que comporta um jeito de ser e estar no mundo e no tempo, ou seja, que comporta um jeito próprio de existir e pelo qual vale a pena lutar.

Desta maneira, pensamos que o assentamento apresenta-se como um espaço onde a construção deste novo modo de vida sobre a terra, articula, simultaneamente, o resgate de modos de vida tradicionais com a incorporação de práticas modernas, tanto para a organização do trabalho e da produção, como para as relações familiares e sociais.

Se por um lado existe a modernização das práticas de produção, através da inserção na agroindústria e da implantação de estufas, por outro sobrevivem a solidariedade vicinal, os favores mútuos, as trocas de serviços, a importância das festas religiosas, o gosto pela comida preparada no fogão de lenha.

A terra é concebida como local de moradia, de trabalho, de produção e reprodução da vida material e afetiva. Não ter patrão, nem horário para cumprir é estar livre. Portanto, o desejo que os move é o da autonomia, representado pela conquista da terra que garante fartura, sossego e liberdade, sem a “conotação *pequeno-burguês e acadêmica a qual estamos acostumados*”, como diria José de Souza Martins.

REFERÊNCIAS

- ANTUNIASSI, M. H. R. Família camponesa na bibliografia sócio antropológica sobre o meio rural: padrões culturais e obtenção dos meios de vida. *Cadernos Ceru*, São Paulo, série 1, n. 5, 1994.
- ARRUDA, G. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. 1997. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Letras e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1997.
- BARONE, L.A. *Revolta, conquista e solidariedade: a economia moral dos trabalhadores rurais em três tempos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.
- BARREIRO, I. M. de F. Educação modernizadora e educação de classe: o lazer, a cultura popular e o trabalho no período de Vargas e Juscelino. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, 1994.
- BARREIRO, J. C. *Campesinato e capitalismo*. Campinas: Unicamp, 1986.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERNAVA, C. M. *A “igreja sem nome” e sua atuação na agrovila dos “44”: um estudo de caso*. Marília, 1996. Arquivos CPEA. Mimeografado.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

- BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: sociologia. In: ORTIZ, R. (Org.) *Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Rações práticas sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1997.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BERGAMASCO, S. M. P.; D'AQUINO, T.; FERRANTE, V. L. B. *Assentamento de trabalhadores rurais em São Paulo: a roda-viva de seu passado/presente*. São Paulo: ANPOCS; Vértice, 1991. (Ciências Sociais Hoje).
- BERGAMASCO, S. *O que são assentamentos rurais*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRANDÃO, C. R. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BORGES, M. C. *Movimentos sociais nos campos do Pontal do Paranapanema: um estudo de caso da gleba Ribeirão Bonito (1970-1980)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.
- BORGES, M. E. L. Estilistas urbanos no universo rural: o PCB na luta pela sindicalização em Minas Gerais. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, 1994.
- BORGES, M. S. L. *Terra, ponto de partida, ponto de chegada: identidade e luta pela terra*. São Paulo: Anita, 1997.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BUIM, P. C. *Promissão: um sonho possível*. Arquivos do CPEA, 1996. (Filme),
- BURKE, P. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. *A cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do rio bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- CERTEAU, M. D. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CHAUÍ, M. *Cultura e democracia*. São Paulo, Cortez, 1997.
- _____. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- D'AQUINO, T. et al. Nas terras de Promissão: da luta à construção do "lugar". *Cadernos de Pesquisa: Retratos de Assentamentos, Araraquara*, v. 1, n. 1, 1994.
- _____. *Trabalhadores assentados: identidade em construção*. *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília*, v. 1, n. 1, 1991.
- _____. A casa, os sítios e as agrovilas: uma poética do tempo e do espaço no assentamento das terras de Promissão-SP. *Cadernos Ceru*, São Paulo, série 2, n. 8, p. 29-50, 1997.
- FERNANDES, B. M. *MST: formação e territorialização*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Gênese e desenvolvimento do MST*. *Cadernos de Formação*, São Paulo, n. 30, 1998.

- FERNANDES, M. E. *Memória camponesa*. 1992. Tese (Livre Docência em Sociologia Rural) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 1992.
- FERRANTE, V. L. B.; BERGAMASCO, S. M. (Org.) *Censo de assentamentos rurais do estado de São Paulo*. Araraquara: FCL-Unesp, 1994.
- FERRANTE, V. L. B. A política de assentamentos: o jogo das forças sociais no campo. *Revista Perspectiva*, São Paulo, n. 11, 1988.
- FERREIRA, M. M. História oral e tempo presente. In: MEIHY, J. C. S. (Org.) *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.
- GARRIDO, J. A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 3, n. 25/26, 1992/1993.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GIULIANI, G. M. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 5, n. 14, 1990.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOHN, M. G. *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GORGEN, F. S. A.; STEDILLE, J. P. (Org.) *Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWN, E. *A era dos extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- IANNI, O. A utopia camponesa. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo. p. 172-185, 1986.
- IANNI, O. Cultura do povo e autoritarismo. In: VALLE, E. (Org.) *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez, 1984.
- IOKOI, Z. M. G. As lutas camponesas no Rio Grande do Sul e a formação do MST. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 11, n. 22, p. 49-50, mar./ago. 1991.
- JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- LANG, A. B. S. G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. (Org.) *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, p. 1996.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ensaio, 1990.
- _____. A história do cotidiano. In: DUBY, G. et al. *A nova história*. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- LE ROY LADURIE, E. *Montaillou*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

- LIMA, V. C. Mulheres assentadas: a conquista da autonomia na luta pela terra. *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências*, Marília, v. 1, n. 1.1991.
- LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos: primeiro manuscrito: trabalho alienado. In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MARTINS, J. S. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- _____. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *A reforma agrária e os limites da democracia da "Nova República"*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. Reforma agrária: o impossível diálogo sobre a história possível. *Tempo Social*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 97-128, 1999.
- MEDEIROS, L. et al. (Org.) *Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Unesp, 1994.
- MEDEIROS, L. S. *História dos Movimentos Sociais no Campo*. Rio de Janeiro: IBASE, 1989.
- MEIHY, J. C. B. *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MORAES FERREIRA, M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MOURA, M. M. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1988.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). Elementos Sobre a Teoria da Organização no Campo. *Cadernos de Formação*, São Paulo, n. 11.1986.
- MÜLLER, N. L. *Sítios e sítiantes no estado de São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1951.
- NABÃO, M. T. P.; BUIM, P. H. C. Apesar do medo o amor pela terra venceu! *Cadernos de Pesquisa: Retratos de Assentamentos*, Araraquara, ano 2, n. 4, p. 71-90, 1995. Organização de T. D'Aquino.
- NORONHA, O. *De camponesa a "Madame": trabalho feminino e relações de saber no meio rural*. 1984. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1984.
- PACCOLA, S. A. D. *Assentamento na fazenda Reunidas: a reforma agrária é um projeto viável?* 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1995.
- PALMEIRA, M. A diversidade da luta no campo: luta camponesa e diferenciação social do campesinato. In: PAIVA (Org.). *Igreja e questão agrária*. São Paulo: Loyola, 1985.
- PASSERINI, L. Mitobiografia em história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 10.1993.

- POKER, J. G. A. B. Reflexões à luz da luta: a sociologia e os sociólogos diante do movimento dos trabalhadores rurais sem terra- MST. *Cadernos de Campo*, Araraquara, ano II, n. 3. 1995. Organização de V. L. B. Ferrante.
- _____. *A prática da vida e os desencontros da libertação*. 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- _____. *Reinventando a vida: uma análise da metodologia empregada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) para implantar formas de cooperação em assentamentos de reforma agrária*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. Memória esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15. 1997.
- _____. O que faz a história oral diferente. *Projeto de História*, São Paulo, n. 14. 1997.
- _____. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, n. 10. 1993.
- PRADO JR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, 1942.
- PRINS, G. História oral. In: BURKE, P. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- QUEIROZ, M. I. P. *Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.
- _____. *O campesinato brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *Messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.
- _____. Relatos orais: da “indizível” ao “dizível”. In: VONSIMSON, O. R. M. (Org.) *Experimentos com histórias de vida (Itália - Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- _____. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1978.
- SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAHLINS, M. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- SANDRONI, P. *Questão agrária e campesinato*. São Paulo: Polis, 1980.
- SHANIN, T. *Campesinos y sociedades campesinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.
- _____. A definição de camponês: conceituação e desconceituação: o velho e o novo de uma discussão marxista. *Estudos Cebrap*, Petrópolis, n. 29. 1989.
- SILVA, J. G. *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SIMONETTI, M. L. *A longa caminhada: a (re)construção do território camponês em Promissão*. 1999. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

- SILVA, E. A. *Comunidade Padre Josimo Tavares: percalços na busca da autonomia camponesa*. Marília, 1995. Relatório AP/CNPq: FFC-Unesp, 1995
- SILVA, M. A. M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999.
- STÉDILLE, J. P. (Ed.). *Perspectivas da Cooperação Agrícola nos Assentamentos*, São Paulo, CONCRAB. *Cadernos de Cooperação Agrícola*, São Paulo. n. 4.1995.
- STÉDILLE, J. P.; GORGEN, F. S. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Scritta, 1993.
- _____. *Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária*. Petrópolis: Vozes, 1991
- SORJ, B. A reforma agrária em tempos de globalização. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 50.1998.
- THOMSON, A. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- THOMPSON, E. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Costumbres en común*. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.
- _____. *Tradicion, revuelta y consciencia de classe*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.
- THOMPSON, P. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VEYNE, P. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VIEIRA, F. X. *A saúde no assentamento fazenda Reunidas*. Arquivos do CPEA, Marília, 1996. Mimeografado.
- WAGNER, C. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas ciências e nas políticas sociais. In: *Sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Presença, 1974.
- WEIL, S. *Condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WHITAKER, D. C. A. et al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? *Cadernos de Campo*, Araraquara, ano II, n. 3. 1995. Organização de V. L. B. Ferrante.
- WOORTMAN, E. F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- WOORTMAN, K. *Com parente não se negocia: o campesinato como ordem moral*. Brasília, DF: Tempo Brasileiro, 1990. (Anuário antropológico, 87).
- _____. Migração, família e campesinato. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1.1991.
- ZIMMERMANN, N. C. *Depois da terra, a conquista da cooperação: um estudo do processo organizativo num assentamento de reforma agrária no Rio grande do Sul*. 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1989.